

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
Luidgi Gomes Pereira Martins

Zeus: do Olimpo a Hollywood

Juiz de Fora  
Abril de 2013

Luidgi Gomes Pereira Martins

Zeus: do Olimpo a Hollywood

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito para obtenção do grau de  
Bacharel em Comunicação Social, na  
Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marise Pimentel  
Mendes

Juiz de Fora  
Abril de 2013

Luidgi Gomes Pereira Martins  
Zeus: do Olimpo a Hollywood

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Marise Pimentel Mendes

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado na data de 05/04/2013 pela banca composta pelos seguintes membros:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Marise Pimentel Mendes – Orientadora

---

Prof. Dr. José Luiz Ribeiro - Convidado

---

Prof. Dr. Nilson Alvarenga - Convidado

Conceito Obtido \_\_\_\_\_

Juiz de Fora  
Abril de 2013

Dedico este trabalho à formidável mulher que tenho por genitora, heroína incansável na terrível batalha dos trabalhos e dos dias. A ela, que é donzela, mãe e anciã.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho não seria possível, absolutamente, sem a ajuda de tantos homens, mulheres e instituições que cruzaram o caminho deste humilde rapaz. Como o panteão onde se encontram as crenças divergentes, que, no entanto, formam um único corpo, a Faculdade de Comunicação da UFJF foi o palco da construção de grande parte do eixo ético e moral deste pesquisador, que aprendeu a enxergar na diversidade a força para edificar as maravilhas.

Quanto aos professores, minha orientadora, patronesse e amiga (ousou considerar), Marise Mendes, foi para mim o que foi a poderosa Palas Atena para Perseu e Ulisses, concedendo-me o auxílio e as armas dos grandes deuses, para que pudesse enfrentar esta fera implacável com chances de vitória. O mentor, José Luiz Ribeiro, como uma personificação projetada pelos imortais, proveu-me de conselhos, por vezes enigmáticos, que se mostraram muito úteis em diversos aspectos da vida, acadêmicos ou não.

Num plano mais terreno, meus companheiros de jornada se mostraram solícitos e atenciosos, tornando indelével minha gratidão por eles. Miriam Azevedo, por sua paciência e carinho inesgotáveis; meu irmão David Gomes, por tolerar minha displicência com as tarefas domésticas, neste período de pesquisas; Rafael Glatzl, por dividir comigo as preocupações do porvir; Hélio Rocha, pelas longas horas de discussões sobre o mundo helênico e suas consequências; Marcelo Teles, pela descontração e fraternidade; Felipe Zschaber, pela convivência artística e jornalística; e por fim, mas não em último lugar, João Vallo, que foi meu grande parceiro nestes tempos “hostis” e, chegando este momento, enfrenta também os testes iniciáticos, cujo sonhado prêmio é a apoteótica colação de grau.

## RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma vasta documentação da aparição do deus grego Zeus, nos textos do poeta grego Hesíodo, *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias*, e da obra *Metamorfoses*, do romano Ovídio, comparados a três filmes de longa-metragem da década de 2010, *O ladrão de raios*, *Imortais* e *Fúria de Titãs*. Tendo como objetivo a investigação dos processos inerentes à composição do mito de Zeus, ele próprio arquétipo e expressão de conceitos da psique humana, busca-se aprofundar os aspectos elementares do mito e de sua transposição para a mídia cinematográfica, inserida no contexto sociocultural da contemporaneidade. Utilizando-se das visões particulares de diversos estudiosos do ideário mítico, são tecidas considerações sobre o mundo grego, que engendrou a figura do soberano olímpico, os fatores que permitiram sua eternização no imaginário ocidental, e seu valor como prolífica matéria prima para a indústria cultural, confrontando as características que foram preservadas ou preteridas, e permitindo refletir sobre como o saber mitológico é encarado nos dias de hoje.

**PALAVRAS-CHAVE:** Zeus, Mito, Cinema

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2 O REI DOS DEUSES ONTEM.....</b>	<b>11</b>
2.1 ZEUS EM HESÍODO.....	11
2.1.1 Teogonia.....	11
2.1.2 Os trabalhos e os dias.....	19
2.2 ZEUS EM OVÍDIO.....	23
<b>3 O REI DOS DEUSES HOJE.....</b>	<b>35</b>
3.1 O LADRÃO DE RAIOS.....	35
3.2 IMORTAIS.....	38
3.3 FÚRIA DE TITÃS.....	43
<b>4 COMPARANDO AS FACETAS DO SOBERANO OLÍMPICO.....</b>	<b>47</b>
<b>5 LÁ E DE VOLTA OUTRA VEZ.....</b>	<b>57</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A leitura dos mitos parece, sem dúvida, ultrapassar e extrapolar o interesse da mera erudição acadêmica, porque o mundo que as histórias trazem à luz, no qual elas próprias se originaram, está vivo de um modo permanente e imortal; este mundo que é a um só tempo sobrenatural, lendário e arquetípico, e que permite uma experiência mista do sublime e do terrível, ao qual nosso próprio espaço psíquico está umbilicalmente ligado.

O domínio dos mitos presta-se às mais variadas perspectivas. De fato, os espíritos mais diversos, as doutrinas mais divergentes apresentaram interpretações que, cada qual a seu tempo, alcançaram uma determinada validade. O mito parece permitir, assim, a validação de qualquer filosofia (BACHELARD in DIEL, 1991, p. 9)

Com essas palavras, Gaston Bachelard, no prefácio à obra de Paul Diel, procura evidenciar capacidade múltipla possuída pelos mitos. Desde tempos imemoriais, antes do surgimento da própria civilização, o imaginário mítico provoca a admiração nos seres humanos, e, com o advento da escrita, diversos autores, ao exemplo dos grandes Homero e Hesíodo, procuraram reunir as incontáveis versões de cada mito, de cada herói. O tempo foi passando, e a sobrevivência da mitologia frente às conquistas e instalações de novas ordens sociopolíticas e culturais provocou a inquietação nos pensadores, que se dedicaram a encontrar as razões pelas quais os mitos puderam resistir ao esquecimento.

Estas indagações motivaram pesquisadores de diversas áreas, decididos a investigar os processos de significação desenvolvidos interna e externamente à mitologia. Etimologistas, linguistas e outros estudiosos da palavra se voltaram aos nomes e palavras, que dançam em meio à ambiguidade dos conceitos personificados e epítetos sem fim. Psicanalistas procuraram compreender os mitos, para explicar os conflituosos meandros da alma humana, cheia de idiosincrasias. Sociólogos e antropólogos buscaram os reflexos étnicos, sociais e culturais, enquanto os historiadores encontraram registros importantes. Todos os campos do conhecimento se beneficiaram do saber mitológico, incessantemente



revisitado, de tempos em tempos. Assim, a mitologia imortaliza-se: por meio deles, é pesquisada, sacralizada e renovada muitas vezes mais. Esta é a prova de que os valores expressos pelo ideário mítico permanecem vivos, ativos, graças a este seu caráter de amálgama cultural, acolhendo as mais diversas significações a ele atribuídas.

Plena de características marcantes, a mitologia grega inspirou citações populares recorrentes, como o “voto de Minerva”, “pomo da discórdia” e “feito nas coxas”, incitou exploradores a buscar criaturas e lugares fabulosos, além de transmitir à sociedade ocidental dezenas de personagens alegóricos em maior ou menor grau. Entre estes personagens, podemos delinear duas classes importantes: os heróis e os deuses.

Mortais dotados de certos aspectos idealizados, os heróis protagonizam a maior parte das histórias, como vítimas ou salvadores, ou ambos, sendo manipulados ou auxiliados pelos seres imortais ao longo de suas jornadas rumo a um objetivo que os faz seguir em frente. Os deuses, por outro lado, possuem um horizonte mais amplo no papel que podem assumir, podendo ser protagonistas, coadjuvantes, ou mesmo opositores, como é o caso de Hera no ciclo hercúleo. Por vezes distantes, inacessíveis, surdos aos apelos dos mortais, em muitas situações os deuses se mostram passionais, implacáveis na defesa de seus interesses, não medindo esforços para prejudicar desafetos ou favorecer aliados.

A dualidade expressa por estas duas classes de personagens míticas é muitíssimo bem exposta em **O herói de mil faces**: “Os dois, herói e deus, aquele que busca e o que é encontrado, são entendidos, por conseguinte, como a parte externa e interna de um único mistério auto-refletido, mistério idêntico ao do mundo manifesto” (CAMPBELL, 1997, p. 43).

O objeto deste estudo, Zeus, é o principal deus da família que habita o monte Olimpo, que conquistou essa posição depois de destronar seu pai com o apoio de seus irmãos e filhos. Adorado religiosamente, Zeus foi o personagem mais retratado e com maior

participação em todas as obras literárias da Antiguidade Clássica, apresentando uma extrema multiplicidade de facetas que o tornaram, aos poucos, referência cultural.

A transformação de conceitos e bens abstratos em produtos de consumo possibilitou a tomada da mitologia como matéria prima pela indústria cultural, e, já nos primórdios do cinema, unicórnios, dragões e divindades com vestes esvoaçantes podiam ser vistos através das luzes projetadas pela arte ainda incerta. Na contemporaneidade, séries literárias, histórias em quadrinhos, jogos de videogame e superproduções audiovisuais atraem milhões para suas releituras de Zeus Olímpico e seus amigos e inimigos.

Este trabalho se propõe a analisar a figura de Zeus na contemporaneidade, comparando sua representação em três obras da literatura clássica, a **Teogonia** e **Os Trabalhos e os Dias**, de Hesíodo, e **Metamorfoses**, de Ovídio; com seu papel nas produções cinematográficas **Percy Jackson e o Ladrão de Raios** (2010), **Fúria de Titãs** (2010) e **Imortais** (2011), a fim de traçar um perfil que permita observar quais características são mantidas e quais são recriadas ou descartadas, na transposição espaço-temporal e também de um meio para outro.

Para este fim, foi realizada extensa pesquisa bibliográfica, para estabelecer conceitos elementares sobre os aspectos fundamentais da narrativa mítica e dos processos que se desenvolvem de maneira inerente ao viver humano e suas necessidades comunicacionais, como as obras referenciais de Junito Brandão (1991), Joseph Campbell (1997) e Thomas Bulfinch (2005), dedicadas a um aprofundamento dos mesmos, enriquecida com o aparato historiográfico de autores como Jean-Pierre Vernant (1992) e Moses Finley (1963), para compreender melhor o contexto sociocultural em que a origem dos mitos se inscreve.

De posse deste arcabouço teórico, foi feita uma minuciosa documentação das caracterizações de Zeus nas seis obras escolhidas, com destaque para seus aspectos visuais e psicológicos, além da maneira como seu papel de personagem evoluiu ao longo das tramas,

auxiliada pelo prisma oferecido por Paul Diel (1991) e seus trabalhos sobre o simbolismo dos mitos.

Por fim, o olhar de pensadores da comunicação, como McLuhan (2002) e Debray (1993), auxiliou no sentido de realizar uma comparação entre os dois momentos do deus grego, inferindo sobre os resultados produzidos pelos elementos em foco.

## 2 O REI DOS DEUSES ONTEM

Para este trabalho, se fez necessária uma pesquisa, refletida na subsequente documentação, das ações e referências a Zeus nos textos antigos. Em primeiro lugar, temos os relatos hesiódicos, datados de cerca de 600 anos antes de Cristo. Os mitos presentes em Hesíodo são coletados de cultos de todas as partes da Grécia, e vemos os deuses de vários cultos particulares formando uma grande família nos versos do poeta. Depois da obra grega, saltamos para o primeiro século depois da era cristã, em Roma, onde os deuses helênicos receberam sua roupagem latina pela pena do poeta Ovídio, que reuniu diversos mitos de todos os autores gregos, e os recontou com maestria, em uma extensa obra que o imortalizou.

### 2.1 ZEUS EM HESÍODO

Hesíodo viveu na Beócia, região central da Grécia onde se localizavam cidades-estado como a populosa Tebas, palco dos mitos de Cadmo e Édipo. Os historiadores situam seu nascimento por volta dos últimos anos do século VIII, ou início do século VII antes da era cristã. Camponês de origem, travou com seu irmão Perses uma longa disputa pela herança do pai, que perdeu, graças ao suborno que aquele dera aos juízes. No fim da vida, foi procurado novamente pelo irmão, que perdera todas as posses, caindo em miséria.

#### 2.1.1 Teogonia

**Teogonia**, ou Origem dos Deuses, é um longo poema escrito por Hesíodo, dividido em seções, que trata da organização do cosmos, do surgimento das divindades e das interferências destas no mundo material e espiritual. O período em que o poeta helênico viveu foi muito marcado por conflitos, lutas de classe e transformações socioeconômicas, com a

implementação de um sistema monetário e a expansão dos cultos aos deuses centrados em santuários, como Delfos e Olímpia, em lugar das denominações religiosas tribais. Como bem caracteriza Junito Brandão (1991, v. 1, p. 153), em sua vasta obra, a obra hesiódica vem como “um antídoto religioso que ele nos apresenta para os males de seu século, bem como seus sonhos e conselhos para um mundo futuro”.

Como aponta o tradutor da edição brasileira, J. Torrano, a Teogonia não é apenas uma sinopse de mitos de diversas procedências, mas um apanhado do próprio processo cosmogônico e mundificante, que “mostram que neste canto arcaico pulsa já um primeiro impulso do pensamento racional” (TORRANO in HESÍODO, 1992, p.18).

Logo no próêmio, em que o autor faz um hino às Musas, Zeus é mencionado com o epíteto de *porta-égide*, aludindo ao grande escudo mágico com que o soberano presenteou Atena posteriormente. Neste momento, Zeus é referenciado de maneira indireta, como no verso: “[as Musas vão] hineando Zeus porta-égide, a soberana Hera (...), Atena de olhos glaucos (...), o luminoso Apolo, Ártemis verte-flechas... (HESÍODO, 1992, versos 13-14)”. Isto porque, neste ponto, o poema é apenas um canto de louvor atemporal, e não uma narrativa propriamente dita. Este gênero de saudações é recorrente nas obras gregas principalmente na dramaturgia, em cujas peças se pode apreciar os louvores às divindades logo em seus prólogos. Além de recurso estilístico, as saudações iniciais aos deuses também são um reflexo da importância das divindades no âmbito religioso.

Ainda durante o próêmio, Zeus é configurado como “grande” (verso 28), “troante” (verso 41), “pai dos deuses e dos homens” (verso 46) e “sábio” (verso 56). Logo depois, em versos descritivos, são apresentados os principais atributos e feitos do monarca celeste:

Ele reina no céu  
Tendo consigo o trovão e o raio flamante,  
Venceu no poder o pai Crono, e aos imortais  
Bem distribuiu e indicou cada honra. (HESÍODO, 1992, versos 71-74)

Hesíodo segue nomeando as divindades primordiais que, depois do Caos, surgiram no cosmos: a Terra (*Gæa*), o Tártaro, personificação do mundo inferior, e o Amor (*Eros*); descrevendo brevemente a descendência de cada um deles, até chegar ao nascimento do Céu (*Ouranos*), que junto com a Terra gerou, entre outros seres, os doze Titãs. Aqui, vemos uma referência a Zeus na estrofe dedicada a caracterizar os ciclopes, também filhos de Ouranos:

[a Terra] pariu ainda os Ciclopes de soberbo coração:  
Trovão [*Brontes*], Relâmpago [*Stéropes*] e Arges de violento ânimo  
que a Zeus deram o trovão e forjaram o raio. (HESÍODO, 1992, versos 139-141)

Adiante, o poeta narra os fatos protagonizados pelos Titãs, que passaram a formar o panteão dominante, liderados pelo Tempo (*Cronos*). Nesta parte, são narrados os acontecimentos que levaram à queda de Ouranos como o soberano do Universo, sendo substituído por seu filho mais novo. Por meio de uma trama na qual foi ajudado por sua mãe, Cronos privou o pai da virilidade, ceifando seus órgãos sexuais com a foice que veio a se tornar seu símbolo (versos 154-211). Interessante notar, a representação de Cronos, um homem trajando mantos negros e portando uma grande foice, foi transmitida à divindade que personifica a morte, Thanatos, que permanece até hoje infundida na cultura popular.

Depois de um relato da descendência da Noite (*Nyx*) (versos 211-232), seguido pela descrição da linhagem do Mar (*Pontos*) (versos 233-336), Hesíodo passa a descrever a prole das divindades celestes, como Hipérion, titã irmão de Cronos, que foi pai do Sol (*Hélios*), da Lua (*Selene*) e da Aurora (*Éos*).

Somente após cantar um hino a Hécate, divindade associada ao segredo e à feitiçaria, o poeta principia a contar a história propriamente dita do rei dos deuses, na parte intitulada “O Nascimento de Zeus”:

Réia submetida a Cronos pariu brilhantes filhos:  
Héstia, Deméter e Hera de áureas sandálias,  
O forte Hades que sob o chão habita um palácio  
com impiedoso coração, o troante Treme-terra [Poseidon]  
e o sábio Zeus, pai dos deuses e dos homens,  
sob cujo trovão até a ampla terra se abala. (HESÍODO, 1992, versos 453-458)

Repetindo os feitos de seu pai Ouranos, que escondia os filhos no seio da Terra tão logo nasciam (versos 155-157), Cronos passou a engolir cada criança que nascia do ventre de sua esposa-irmã (versos 459-460), pois sabia que seu destino era ser submetido por um de seus filhos (versos 463-464). Desta maneira, devorou os cinco primeiros, apenas tendo sido impedido de agir da mesma forma com o pequeno Zeus, porque Réia implorou pela ajuda do Céu e da Terra, que lhe auxiliaram a esconder o recém-nascido (versos 469-471).

Sendo ocultada em uma caverna nas terras de Lyktos (versos 477-478), nas proximidades da ilha grega de Creta, com o auxílio das duas divindades primordiais, a titânide deu à luz o bebê divino, que escondeu prontamente nas entranhas da montanha onde a caverna se localizava, dando ao temível pai Cronos uma pedra envolta em tecidos para que devorasse pensando ser o filho recém-nascido:

[Réia] Encueirou grande pedra e entregou-a  
ao soberano Urânida, rei dos antigos deuses.  
Tomando-a nas mãos, meteu-a ventre abaixo  
o coitado, nem pensou nas entranhas que deixavam  
em vez da pedra o seu filho invicto e seguro  
ao porvir. (...) (HESÍODO, 1992, versos 485-490)

Em seguida, Hesíodo descreve o crescimento acelerado de Zeus, de quem “rápido o vigor e os brilhantes membros cresciam” (versos 492-493), até o momento em que, enganado pelas instigações da Terra e pela esperteza do filho, Cronos regurgitou tudo aquilo que trazia ao ventre:

Soltou a prole o grande Cronos, de curvo pensar,  
vencido pelas artes e violência do filho.  
Primeiro vomitou a pedra por último engolida.  
Zeus cravou-a sobre a terra de amplas vias  
em Delfos divino, nos vales ao pé do Parnaso,  
signo ao porvir e espanto aos perecíveis mortais. (HESÍODO, 1992, versos 495-500)

Esta pedra, é interessante notar, existiu em realidade, como uma das características do Santuário Déléfco, sendo chamada de *ômphalos* (umbigo). Atualmente, se encontra exposta no museu de Delfos, na Grécia.

Com a liberdade dos irmãos, Zeus aproveitou a confusão para libertar outros tios

seus, os ciclopes urânidas Brontes, Stéropes e Arges, que haviam sido aprisionados por Ouranos. Estes, por gratidão, presentearam ao príncipe divino, dando-lhe “trovão, raio e relâmpago” (versos 501-504). De posse destas armas, que vieram a se tornar sua característica mais marcante, Zeus obteve a confiança para reinar sobre mortais e imortais. Além da função dos raios como armamento, pode-se inferir um significado mais profundo a esta aquisição, reflete a obtenção, por parte do deus, da energia, que torna possível a ele concretizar seus feitos.

A seção seguinte do poema é chamada de “História de Prometeu”, tratando dos eventos ocorridos com o filho do titã Iápeto e sua relação conflituosa com os deuses, Zeus principalmente.

O titã Iápeto, filho do Céu e da Terra, era irmão mais velho de Cronos. Desposando Clímene, que era uma das filhas do seu irmão, o também titã Oceano, teve quatro filhos: Atlas, Menécio, Prometeu e Epimeteu (versos 507-512).

Prometeu<sup>1</sup> é caracterizado por Hesíodo como “astuto e de iriado<sup>2</sup> pensar” (verso 512), para enfatizar sua inteligência, antes de descrever como o filho de Iápeto decidiu trapacear durante a instituição do primeiro sacrifício, enganando Zeus ao ofertar a porção de ossos e pele oculta por uma camada de gordura ao deus. A partir do momento em que Zeus aceita tal parte, fica instituído que assim seria em todos os sacrifícios realizados posteriormente.

O soberano celeste, encolerizado pelo engodo tramado pelo primo, decidiu punir os homens, entre os quais vivia Prometeu, deixando de fornecer-lhes o fogo, que era apanhado pelos homens nas árvores quando caíam os raios durante as tempestades. Aqui é possível verificar a ambivalência de sentido do próprio fogo, que além de metáfora para a iluminação, representa, num sentido próximo ao fisiológico, a segurança, porque afasta as feras; o

---

<sup>1</sup> Literalmente, “o que pensa antes”.

<sup>2</sup> No sentido de multifacetado, multicolorido.



conforto, afastando o frio; e a própria cultura, pois o homem deixa de consumir o alimento cru, como os animais incivilizados.

Então, utilizando-se do próprio engenho, Prometeu furtou o fogo aos deuses, escondendo no tronco oco de uma fêrula, e o deu aos mortais, para que não dependessem mais dos caprichos divinos para consegui-lo.

(...) mordeu fundo o ânimo  
a Zeus tonítroo e enraivou seu coração  
ver entre homens o brilho longevívvel do fogo.  
E criou já ao invés do fogo um mal aos homens (HESÍODO, 1992, versos 567-570)

É interessante notar que Zeus possui uma atitude primária amigável em relação a Prometeu, que é quebrada no momento em que o deus percebe que foi vítima da trapaça. Assim, buscando vingar-se do primo que o enganou duplamente, Zeus tem a ideia de criar a primeira mulher, que será mal e bem para os homens, odiada e amada. Composta pelo melhor dos dons de cada um dos deuses olímpicos, a esplêndida criação foi dada aos seres humanos, a um tempo benção e maldição, e terminou por colocar os mortais em seu devido lugar na organização do universo. Mais adiante, em sua outra obra **Os trabalhos e os dias**, este mito será aprofundado pelo poeta, que recontará e dará mais detalhes sobre o conflito entre Zeus e Prometeu.

A próxima seção do poema chama-se “Titanomaquia”<sup>3</sup> e trata mais especificamente dos acontecimentos decisivos da guerra entre Titãs e Deuses, cujo rumo foi modificado graças à libertação dos três hecatônquiros<sup>4</sup>, filhos invencíveis do Céu e da Terra, que haviam sido aprisionados por Ouranos no Tártaro tão logo nasceram (versos 617-626). Por conselho de Gæa, Zeus desce às profundezas infernais para pôr fim ao jugo que pesava sobre a trindade de criaturas.

Ouvi-me, filhos magníficos da Terra e do Céu,  
que eu diga o que no peito o ânimo me ordena:  
já há muitos anos, uns contra os outros,  
todo dia combatemos pela vitória e poder  
os Titãs e quantos nascemos de Cronos.

<sup>3</sup> Ou “luta contra os Titãs”.

<sup>4</sup> Gigantes de cem braços e cinquenta cabeças, chamados em latim de “centímanos”.

Vós com grande violência e braços intocáveis  
surgi contra os Titãs na lúgubre batalha,  
lembrai a doce lealdade e quanto sofrestes  
na prisão cruel antes de voltar à luz  
por nossos desígnios, de sob a treva nevoenta. (HESÍODO, 1992, versos 644-653)

Assim dizendo, aos três parentes libertou. Na batalha de proporções cósmicas que se seguiu, o líder dos deuses olímpicos se mostra implacável, possuído pelo frenesi da situação belicosa.

Não mais Zeus continha seu furor e deste  
furor logo encheram-se suas vísceras e toda  
violência ele mostrava. Do céu e do Olimpo  
relampejando avançava sempre, os raios  
com trovões e relâmpagos juntos voavam  
do grosso braço, rodopiando a chama sagrada  
densos. (HESÍODO, 1992, versos 687-693)

E assim, com a ajuda de seus formidáveis e monstruosos parentes, Zeus se tornou o soberano de toda a Criação, depois de lançar ao mesmo Tártaro, prisão preferida dos imortais, toda a estirpe dos Titãs (verso 718-721).

A seção nomeada “A luta contra Tifeu”, predominantemente descritiva, trata do tenebroso Tártaro, versando sobre os pormenores das regiões infernais, onde foram encarcerados os Titãs, constantemente vigiados pelos três hecatônquiros (versos 722-819). Assim, Zeus só retorna ao foco dos acontecimentos quando a Terra se une em amor ao Tártaro, para gerar seu último filho imenso e monstruoso, e também o mais poderoso de todos, destinado a ser a ruína de homens e deuses.

O monstro, chamado Tifeu, ou *Typhæus*, era dotado de infindáveis cabeças com serpentes brotando dos ombros e exalava fogo por sua respiração. Era tão grande que sua cabeça arrastava no firmamento, derrubando as estrelas, que caíam sobre a terra, e podia ser visto de qualquer parte do mundo. Todos os seres de todo o Universo tremeram com o surgimento da aberração colossal, fugindo para se esconder, exceto Zeus, que assume uma postura de protetor.

Naquele dia suas obras seriam incombateíveis  
e ele [Tifeu] sobre mortais e imortais teria reinado,  
se não o visse súbito o pai de homens e deuses,

e trovejou grave e duro (HESÍODO, 1992, versos 836-839)

Assim, tomando seus raios, o deus partiu para batalhar contra prodigioso monstro, que venceu depois de difícilíssima luta. Com esta vitória, confirmou sua soberania, ovacionado pela totalidade dos seres (versos 852-880).

Depois de se recomparam, após o grande tormento ocasionado pelo temível Tifeu, os deuses oferecem aclamação ao grande monarca, que mostra sua face justa e benevolente, mais uma vez:

Quando os venturosos deuses completaram a fadiga  
e decidiram pela força as honras dos Titãs,  
por conselhos da Terra exortavam o Olímpio  
longevidente Zeus a tomar o poder e ser rei  
dos imortais. E bem e justamente dividiu entre eles as honras. (HESÍODO, 1992  
versos 881-885)

Depois deste encerramento narrativo, Hesíodo discorre sobre a genealogia dos deuses, descrevendo casamentos entre eles e os filhos nascidos destas uniões (ver tabela 1), cada um deles representando aspectos subliminares que reforçam a soberania de Zeus. Com Métis, ainda que imanifestada, tem Atena, representando a sabedoria. Com Têmis, a disciplina representada pelas Horas. Eurínome deu-lhe a alegria de viver, com as Graças. Deméter deu-lhe a vida espiritual com Perséfone, de natureza dual, celeste e ctônica. Mnemósine presenteou-lhe com o domínio sobre todas as artes, sob a forma das nove Musas. Leto, com os gêmeos Apolo e Ártemis, iluminou-lhe o dia e a noite. Com Hera, casou-se de maneira sagrada, uma *hierogamia*, que representa a perpetuidade da espécie e da sociedade. Maia lhe deu Hermes, representando o conhecimento do oculto. Sêmele trouxe-lhe Dioniso, que representa a explosão dos instintos. E Alcmena, por fim, deu a ele, com Hércules, a força e o destemor (BRANDÃO, 1991, v.1, p.162). Tais características simbólicas contribuem para demonstrar o modo como Zeus, que engendrou todos estes conceitos com sua semente, representa o homem divinizado, no apogeu de seus atributos.

<b>Mãe</b>	<b>Prole</b>
Métis	nenhuma
Têmis	as Horas: Dike (Justiça), Eirene (paz) e Eunomia (igualdade)
Eurínome	as Graças: Aglaea (Esplendor), Eufrosine (Agradável) e Thalia (Festejo)
Deméter	Perséfone
Mnemósine	as Musas: Calíope (Belavoz), Clio (Glória), Erato (Amorosa), Euterpe (Alegria), Melpômene (Dançarina), Polínia (Hinária), Terpsícore (Alegra-coro), Tália (Festa) e Urânia (Celeste)
Leto	Apolo e Ártemis
Hera	Hebe, Ares e Ilícia
nenhuma	Atena
Maia	Hermes
Sêmele	Dioniso
Alcmena	Hércules

Fonte: HESÍODO, 1995.

### 2.1.2 Os trabalhos e os dias

A obra intitulada **Os trabalhos e os dias**, tradução do grego *Erga kai Hemerai*, por sua vez, trata do mundo dos mortais: a origem e a sina do homem, a necessidade do trabalho para a sobrevivência e as limitações que perpassam a condição humana. Assim, por intermédio da narrativa de fatos míticos, a obra de Hesíodo delimita o espaço conceitual que se refere à natureza humana, ponto intermediário na metafísica helênica, que se situa a meio caminho entre o divino e o animal. Segundo a tradição, conforme é descrito por Mary Lafer (in HESÍODO, 1990, p. 16) em seu ensaio introdutório da edição brasileira, Hesíodo escreveu este poema dirigido ao seu irmão Perses, que era seu adversário numa questão de divisão dos espólios deixados pelo pai de ambos.

Para convencer o parente da justeza de sua posição, o poeta faz uso do lirismo e da epicidade ao transmitir, pelo canto das Musas, a imagem da justiça divina. Desta maneira, para Lafer (1991), o poema se aproxima do que ela chama de “literatura sapiencial”, como o livro bíblico de Provérbios, ou seja, escritos cujo objetivo é aconselhar, por meio de preceitos ou ditos populares, visando a preservação do patrimônio moral de determinado grupo de pessoas.

A tradutora ainda busca uma contextualização filosófica, sob o ponto de vista jurídico, do período em questão:

A situação desta época, em grande parte do território helênico, se caracteriza pelo que se conhece juridicamente como um Estado de pré-Direito. Isto porque não se pode entender a arbitragem dos *basileis*<sup>5</sup> como uma antecipação da justiça dos tribunais ou a de outra instância especializada em fazê-la valer. Não nos encontramos diante de um Direito arcaico, uma vez que não há função jurídica autônoma, pois, como se sabe, esta requer uma especialização, ou seja, tribunais autônomos que julguem; e a ordem legal na Grécia [...] esteve sempre ligada à idéia de justiça e por isso mesmo isenta de toda rigidez formalista. (LAFER in HESÍODO, 1990, p. 17)

Este esclarecimento nos auxilia a refletir sobre o propósito e a utilidade da obra para Hesíodo, num momento e lugar em que os valores éticos e morais eram assegurados por um sistema pouco vinculado à justiça propriamente dita, instaurada, porém com uma relação mais próxima à noção de tradições e costumes; que são exatamente a temática presente nos versos deste poema. Era uma substituição da *thêmis*, a justiça divinizada, pela *diké*, uma justiça vinda do juízo feito pelos homens. Este conflito permeia todo o trabalho do poeta.

Iniciando com uma breve invocação às Musas, o autor atribui ao pai destas, Zeus, o poder de decisão sobre a condição dos mortais, afirmando que, pela graça e vontade do soberano celeste, que “apruma o oblíquo, abrilhanta o obscuro, fortalece o fraco e enfraquece o forte, os homens alcançam ou perdem a felicidade” (HESÍODO, 1990, versos 5-7). Logo em seguida, o trecho intitulado “As duas Lutas” trata das duas variedades elementares que originam os conflitos humanos. Uma, caracterizada por Hesíodo como má, é a *hýbris*, o Excesso, que abrange as lutas por poder e prestígio, por exemplo. Por outro lado, a outra, que abarca a luta pela sobrevivência e pelo progresso, é o *ágon*, que é descrito como justo aos olhos de Zeus, aqui referenciado pelo epíteto de *Crônida*, ou “filho de Cronos”. O monarca divino ainda é mencionado mais uma vez sob o papel de juiz, de quem emanam “retas sentenças” (verso 36).

A narrativa mítica tem início com a recriação, com uma nova angulação, da

---

<sup>5</sup> Grandes proprietários de terras, encarregados das decisões em situações litigiosas de proprietários menores. Noção próxima ao latifundiário, com elementos do senhor feudal da Idade Média.

história de Prometeu, que tramou contra Zeus, enganando o soberano para dar aos mortais a melhor parte de um sacrifício ritual. O deus, furioso por ter sido logrado, tirou o fogo dos mortais. Prometeu, por meio de novo estratagema, consegue roubar o fogo do Olimpo e transmiti-lo aos mortais:

E de novo o bravo filho de Iápeto  
roubou do tramante Zeus para os homens mortais.  
Em oca fêrula, dissimulou-o [o fogo] de Zeus frui-raios.  
Então, encolerizado disse o agrega-nuvens:  
‘Filho de Iápeto, sobre todos hábil em suas tramas,  
apraz-te furtar o fogo fraudando-me?  
Grande praga para ti e para os homens vindouros!  
Para esses, em lugar do fogo darei um mal, e todos se alegrarão,  
mimando muito este mal.’ (HESÍODO, 1990, versos 50-58)

Desta maneira, o aspecto vingativo do monarca divino é evidenciado, à medida que Zeus elabora seu plano de retaliação, que começa com a criação de Pandora<sup>6</sup>, a primeira mulher, que seria entregue como esposa ao irmão mais novo de Prometeu, Epimeteu, e do ardil de dotá-la de extrema curiosidade. Epimeteu não deu ouvidos aos conselhos do irmão, mais especificamente de não aceitar presentes dos Olímpianos, e recebeu, além da esposa, uma urna como presente de casamento, que não deveria ser aberta em hipótese alguma, sob pena de dispersar seu conteúdo: uma miríade de males especialmente aprisionados na urna, como uma armadilha para os mortais. Assim, a doença, o cansaço, a violência e a morte, entre outros, se espalharam sobre o mundo, restando, porém, *Elpis*, a esperança, que dá alento aos mortais para que continuem a viver (versos 96-98).

Em seguida, Hesíodo passa a enumerar o que ele chama de “as cinco raças”, ou gerações da humanidade, descrevendo a maneira como foram criados pelos deuses. A primeira, a raça de ouro, de homens autóctones, vivia em meio aos imortais, nascendo adultos e sem nunca envelhecer ou sofrer de males. A segunda, a raça de prata, foi criada de forma a não surgir completamente formada, tendo um período de desenvolvimento, como a infância. Entretanto, a insensatez do período de transição para a maturidade provocou dores físicas e

---

<sup>6</sup> Literalmente, “todos os dons”.

sentimentos desconhecidos nos homens desta raça. A terceira geração humana, de bronze, nasceu belicosa e por sua própria violência acabou por se exterminar, dando lugar à raça dos heróis, a quarta, que tinha sede de justiça e glória, e foram chamados “semideuses” (versos 156-172). A quinta e última, a raça dos homens de ferro, entre os quais o autor se coloca, é a raça fadada ao trabalho, acometida de angústia e sofrimento, que será destruída quando a vileza dos homens encolerizar os deuses de tal forma que estes não consigam mais tolerar a miséria, a malícia e o desamor, manifestações da luta má, a hýbris.

Após a descrição das cinco raças humanas, o poeta conta uma fábula sobre um rouxinol apanhado por um gavião, que ele destina ao conhecimento de reis e governantes, introduzindo um discurso que elogia a Justiça, que entende-se também como “parcimônia” em detrimento do Excesso (verso 213). Para Hesíodo, da maneira como se pode inferir, baseado nos versos que se destinam a seu irmão Perses, o soberano olímpico é partidário daqueles que buscam a Justiça para agir e tomar decisões, como explicitado nos versos:

Aqueles que a forasteiros e nativos dão sentenças  
retas, em nada se apartando do que é justo,  
para eles a cidade cresce e nela floresce o povo;  
e nem destina penosa guerra o longevidente Zeus. (HESÍODO, 1990, versos 255-229)

O rei dos deuses ainda é citado nesta parte como moderador, provedor do castigo para os que não seguem o rumo da Justiça:

Aqueles que se ocupam do mau Excesso, de obras más,  
a eles a Justiça destina o Crônida, Zeus longevidente.  
Amiúde paga a cidade toda por um único homem mau [o governante]  
que se extravia e que maquina desatinos.  
Para eles do céu envia o Crônida grande pesar:  
fome e peste juntas, e assim consomem-se os povos,  
as mulheres não parem mais e as casas se arruinam  
pelos desígnios de Zeus olímpio (HESÍODO, 1990, versos 238-245)

O temor ante a divindade se expressa por meio da descrição da onisciência de Zeus, cujo olho “tudo vê e assim tudo sabe” (verso 267).

A última parte do poema, intitulada “O trabalho”, trata de amenidades, seguindo o próprio Hesíodo, que a principia advertindo seu irmão de que coisas boas falará. Segue-se

então um elogio ao trabalho, citando a facilidade com que se pode conquistar o infortúnio e a miséria, por meio da preguiça e da desonestidade. O poeta exorta aqueles que se dedicam ao esforço para conseguir prosperidade, que serão recompensados pelo generoso pai dos deuses:

Facilmente imensa fortuna forneceria Zeus a muitos:  
quanto maior for o cuidado de muitos, maior o ganho.  
Se nas entranhas riqueza desejar teu ânimo,  
assim faze: trabalho sobre trabalho trabalha. (HESÍODO, 1991, versos 379-382)

## 2.2 ZEUS EM OVIDIO

O poeta latino Públio Ovídio Nasão, que ficou imortalizado como Ovídio, viveu cerca de sete séculos depois do grego Hesíodo, em Roma. Ovídio se destacou na política romana e exerceu alguns cargos públicos, antes de se tornar escritor propriamente dito. Ele escreveu diversas obras sobre as relações amorosas dos jovens do Lácio, como **Amores**, **Heróides**, **Arte de Amar** e **Cosméticos**, e algumas outras com temas melancólicos, como **Tristes** e **Ponticas**, mas sua principal produção foram os 15 livros intitulados **Metamorfoses**, uma extensa coleção de histórias com temática mitológica, que foi a grande paixão de helenistas como Thomas Bulfinch, e que esmiuçaremos à procura de Zeus. Este trabalho colossal foi uma tentativa do autor de contar a história do mundo desde os tempos primordiais até os seus dias, retratando as mudanças que ocorreram nos seres (de onde vem o nome “metamorfoses”).

No primeiro livro, Ovídio discorre sobre a criação do mundo, de como os elementos, misturados num estado prévio, foram separados de forma a organizar a existência. Depois, fala da criação do homem pelas mãos do filho de Iápeto<sup>7</sup> e passa a tratar das eras, ou idades.

Neste ponto, Zeus, aqui chamado por seu nome romano *Júpiter*, é mencionado pela primeira vez:

---

<sup>7</sup> Refere-se a Prometeu



Depois, precipitado Saturno [Cronos] no tenebroso Tártaro, o mundo ficou sob o governo de Júpiter, seguindo-se a idade de prata, pior que a do ouro, mais valiosa que a do bronze. Júpiter reduziu a duração da antiga primavera e, com o inverno, o verão e o desigual outono, e encurtada a primavera, dividiu o ano em quatro estações. (OVÍDIO, 1983, p. 13)

Esta é a primeira faceta apresentada do deus, ressaltando sua função de governante do universo, e seus atos no exercício deste cargo.

Em seguida, na seção chamada “Os gigantes”, o soberano é retratado como protetor deste mundo, quando da rebelião promovida pelos gigantes, que quiseram se apropriar dos domínios celestes, empilhando as montanhas para que pudessem chegar até o céu. Neste momento, o rei dos deuses serviu-se de seus raios para atingir os montes empilhados, despedaçando o grande amontoado, e soterrando os gigantes no processo (OVÍDIO, 1983, p. 14). Aqui temos uma consonância com o mito judaico-cristão da Torre de Babel, que também figura no décimo sexto arcano do tarot, denominado *A Torre*.

Assim, ultrajado com a audácia dos gigantes em querer atacar seus domínios, Zeus convocou os deuses a fim de realizar uma assembleia, para a qual todos se dirigiram através do caminho celeste conhecido como Via Láctea (p. 15). Quando todos se reuniram para ouvir, o deus proferiu sua indignação com o ocorrido e afirmou para seus pares ter percorrido a Terra disfarçado, ocasião em que pôde presenciar todo tipo de maldades e infâmias, tendo sido inclusive vítima de tentativas de assassinato por parte do homem chamado Licáon, de “índole cruel e cheia de vileza”. Frente à afronta do mortal, o deus castigou-o, incendiando sua casa e transformando-o em um grande lobo. Terminando de narrar estes fatos, Zeus comunica aos outros deuses, que o ouvem, que todos os mortais sofrerão o castigo por seus males (p. 16).

Neste caso, o aspecto que se perfaz do monarca é o de árbitro, no momento em que se resolve a julgar, condenar e punir os seres humanos por suas ações. Entretanto, sua providência se faz presente quando resolve não destruir os homens por meio de seus raios,

pois isso poderia danificar o mundo, tornando-o estéril, o que poderia prejudicar o surgimento da nova raça humana que povoaria a Terra. Para este fim, Zeus se decide por eliminar o gênero humano por meio da água, enviando um grande dilúvio (p. 17), outra grande semelhança com o imaginário bíblico, no conto de Noé.

Para dar cabo a seu intento, o soberano celeste prendeu os ventos secos e libertou os ventos úmidos, que voaram espalhando a chuva com suas barbas e cabelos ensopados. Ao mesmo tempo, seu irmão Poseidon (aqui chamado por seu nome latino *Netuno*) convocou os deuses-rios para ordenar-lhes que deixassem suas correntezas correrem ao largo (p. 18). E, assim, as casas dos homens foram levadas pelas enxurradas, e o nível das águas subiu até que alguns dos montes se tornassem pequenas ilhotas numa imensidão azul.

Depois da aniquilação provocada pelas chuvas, o monarca divino decide dispersar as nuvens da tempestade, tornando possível que o Sol volte a aquecer o mundo. Simultaneamente, Poseidon e seu filho Tritão ordenam aos rios que retomem seus cursos naturais, fazendo com que o nível das águas retorne ao natural. E é aí que Zeus percebe que um casal de seres humanos conseguiu sobreviver ao cataclismo, se refugiando no cume do monte Parnaso, na Fócida (p. 19).

Na seção intitulada “O Dilúvio”, Ovídio apresenta Deucalião, que sobreviveu juntamente com sua esposa Pirra. O homem era filho de Prometeu, enquanto sua consorte era filha de Epimeteu e Pandora. Desesperados com o estado de desolação em que o mundo se encontrava, decidiram rumar para o templo que um dia viria a ser o famoso Oráculo de Delfos, santuário-mor do culto de Apolo, mas que naquela época era morada da titânide Têmis, a personificação da justiça. Chegando até lá, perguntaram a ela de que maneira poderia ser reparado o dano causado à estirpe dos mortais.

A deusa comoveu-se e deu esta resposta: “Afastai-vos do templo, cobri a cabeça, desapartai-vos dos vestidos, e atirai para trás os ossos de vossa avó”. (OVÍDIO, 1983, p. 20)

Estupefatos com a enigmática resposta, os dois permaneceram refletindo por

muito tempo, até que Deucalião descobriu a natureza da divinação: sendo eles descendentes da raça dos Titãs, filhos da Terra, a instrução do oráculo, na verdade, era de que eles atirassem pedras para trás, pois as pedras são os ossos da Terra. Assim fazendo, as pedras atiradas por eles cresceram e se tornaram pessoas pela graça de Zeus, sendo assim formada a nova raça que povoaria o mundo (p. 20).

Após duas histórias contendo narrativas de feitos do jovem deus Apolo, Zeus aparece novamente no conto de Io, filha do rio Ínaco.

Tendo sua filha desaparecido, o deus-rio desesperou-se e pôs-se a chorar, pensando que algo ruim pudesse ter acontecido a ela. Entretanto, a bela moça, quando voltava de banhar-se no rio, seu pai, foi vista pelo rei dos deuses, que tentou cortejá-la com belas palavras:

“Ó virgem digna de Júpiter, que farás feliz aquele que receberes em seu leito, vem gozar a sombra das majestosas florestas”, exclamou [Zeus], mostrando as sombras dos bosques “na hora em que faz calor, e o Sol, na metade do caminho, se encontra bem no alto do céu. Se temes entrar sozinha nos antros das feras, é sob a proteção de um deus maior que penetrarás na solidão dos bosques, e não um deus da plebe, mas que sustenta com a mão poderosa o cetro celeste, que lança os fulminantes raios. Não fujas de mim!” (OVÍDIO, 1983, p. 24)

Mas a moça, aterrorizada, fugia dele, ao passo que o deus, ajuntando nuvens negras de tempestade de forma a tornar o dia em noite, naquela região, possuiu-a.

Foi aí que Hera, esposa-irmã de Zeus, nesta obra referenciada como “Juno”, percebeu o singular aglomerado de nimbo e suspeitou que fosse obra do marido, tendo em vista que a aglomeração nublada não era provinda de rios nem da umidade da terra. Desceu, então, dos céus para ir ao encontro de seu consorte. Zeus, pressentindo a chegada da esposa por meio de seus poderes divinos, transformou Io em uma bela novilha, surpreendendo Hera, que, ainda suspeitando, perguntou ao deus qual a procedência do animal. O rei dos deuses mentiu, dizendo que era uma vaca filha da terra, que tinha acabado de surgir por ali.

Ainda receosa de um engodo, Hera pediu a Zeus que lhe desse a novilha de presente, colocando o monarca em uma delicada situação, pois se recusasse atender à

solicitação da esposa, acabaria por reforçar as dúvidas dela. Assim, ele entregou a novilha a Hera, que mesmo assim não se satisfez, e entregou a bela Io metamorfoseada à guarda do gigante Argos, que possuía cem olhos dispostos ao redor da cabeça, dos quais um par dormia de cada vez, de forma que 98 estivessem sempre abertos, vigiando a novilha (p. 25).

Entretanto, depois de testemunhar a agonia de Io, passando os dias a dormir ao relento, tomando águas barrentas e comendo capim, Zeus se enterneceu e resolveu por fim ao cativo da moça. Com a ajuda de seu filho Hermes (*Mercúrio*), que enganou o gigante, fazendo-o adormecer enquanto cantava suas peripécias com o auxílio de uma lira, o deus deu a liberdade à novilha, mas foi surpreendido pela encolerizada esposa, que chamou a si as Fúrias para dar cabo da rival transformada. Neste momento, Zeus abraçou-a, rogando-lhe que pusesse fim à perseguição, jurando que a moça nunca mais lhe seria um estorvo. A esposa, satisfeita pela promessa que o marido acabara de fazer, acalmou-se, e ao mesmo tempo, Io retomou sua forma humana. (p. 26).

No segundo livro, o primeiro conto é o de Faetonte, jovem rapaz filho de Apolo (*Febo*) que, interpelado por um amigo, resolveu pedir ao pai provas de sua descendência divina. O deus, comovido, jurou dar ao filho qualquer coisa que ele pedisse, ao passo que o rapaz pediu-lhe permissão para conduzir durante um dia o carro do Sol pelos céus (p. 30).

A despeito das súplicas que o pai fez, tendo em vista o extremo perigo concernente à tarefa, Faetonte conseguiu ver seu desejo realizado, graças à gravidade do juramento feito por Apolo (p. 31).

Entretanto, o jovem realmente não era hábil o suficiente para guiar o Sol, e o resultado desastroso da empreitada foi que o carro se desgovernou, caindo em direção ao mundo, o que trouxe um calor insuportável, fervendo os rios e mares, incendiando as florestas e campos e queimando os seres vivos, mortais e imortais (p. 33).

Neste momento, a Terra, agonizante, suplicou ao soberano celeste que

intercedesse, para salvar e preservar aquilo que ainda não tinha sido aniquilado pelas chamas, sendo respondida por um Zeus relutante, porque sabia que isso implicaria na morte do filho de Apolo. Invocando o testemunho de todos os deuses, para que ficasse claro que só agia assim por extrema necessidade, o rei dos deuses atirou seus raios, que envolveram o carro flamejante ao mesmo tempo em que tiraram a vida do jovem Faetonte (p. 34-35).

Seguem-se duas histórias relativas aos amigos e familiares do insensato filho de Apolo, e Zeus aparece novamente em atitude de contrição, desejando reparar-se com o filho pela morte de Faetonte (p. 36).

No conto seguinte, intitulado “Calisto”, temos um Zeus preocupado, que percorreu Céu e Terra em busca de fendas provocadas pela violência do fogo solar. Nessas idas e vindas, demorou-se na Arcádia, reestabelecendo o curso dos rios e devolvendo a vegetação ao lugar, quando encontra uma bela jovem e se interessa por ela.

A misteriosa moça era uma donzela do séquito de Ártemis (aqui referida como *Diana*), cingida com uma fita branca e trazendo um arco, flechas e uma pequena lança. O calor proporcionado pelo Sol numa alta posição deu à moça o ensejo de abrigar-se num bosque, para se refrescar e descansar depois da caça. Aproveitando a chance, Zeus tomou a forma de Ártemis para se aproximar da jovem sem afugentá-la.

Vendo sua padroeira chegando, a moça sorriu e saudou-a com muita reverência, recebendo do deus metamorfoseado um beijo cálido. A jovem caçadora se dispôs, então, a relatar suas aventuras para a deusa, não tendo ainda notado a farsa, mas Zeus, impaciente, a interrompeu ao se revelar para ela, causando grande espanto. Desesperada, a moça tenta ao máximo resistir aos avanços do deus, mas acaba por se entregar a ele, que depois do ato consumado retorna aos domínios celestes (p. 37).

Mais adiante, abandonada pela verdadeira Ártemis quando descobriu que a moça perdera sua virgindade, Calisto (só então nomeada pelo autor) deu à luz o bebê Arcas,

nascimento este que confirmou as suspeitas de Hera. A cōnjuge divina, enciumada, transformou então a ex-caçadora em uma grande urso negra, para que fosse agora caçada com ferocidade por suas antigas companheiras (p. 38).

O próximo conto trata do crescimento de Arcas, filho de Zeus e Calisto, que cresceu sem saber do destino de sua mãe, até o dia em que, com cerca de quinze anos de idade, saiu para caçar e acabou por encontrar a própria genitora, metamorfoseada na grande fera. Neste momento, o monarca celeste entrevistou novamente, transformando Arcas em um jovem urso e colocando-o, ao lado de sua mãe, no mais alto círculo do céu, como as constelações da Ursa Maior e Menor, provocando ainda mais sua esposa (p. 39-40).

Depois de mais alguns contos, entre os quais são visitadas as aventuras de seu filho Hermes, Zeus retorna ao foco narrativo chamando seu mensageiro para enviá-lo à região de Sídon, onde Hermes deveria apascentar o rebanho real. Assim que a veloz divindade conduziu o ajuntamento de bois ao local determinado, onde a filha do rei Agenor, Europa, costumava divertir-se, Zeus assumiu a forma de um touro, misturando-se aos outros do rebanho.

Realmente a sua cor é branca como a neve que pé algum calçou ainda, e que o chuvoso Austro [o vento Sul] ainda não derreteu. Os músculos se destacam do pescoço; a papada desce até as espáduas; os chifres, é certo, são pequenos, mas parecem feitos à mão e são mais transparentes que uma gema da melhor água. Nada havia de ameaçador em sua fronte ou de terrível em seus olhos: sua aparência era de todo pacífica. (OVÍDIO, 1983, p. 46)

Avistando o belo touro, Europa ficou admirada e, aos poucos, se aproximou para acariciá-lo, enquanto o deus se comprazia frente aos avanços da jovem. Em dado momento, o magnífico touro se abaixou, para que a moça montasse em suas costas, e, quando ela assim fez, Zeus metamorfoseado foi se distanciando da praia, em direção ao mar, de forma que Europa não pudesse mais saltar. Assim, ele a raptou (p.47).

O terceiro livro começa com a história de Cadmo, irmão de Europa, que foi exilado pelo pai por não conseguir encontrá-la, mas que acabou se tornando importante herói,

fundador da cidade de Tebas (p. 51-53). Em seguida, vem o conto de Actéon, seu descendente, que foi transformado em cervo por ter espiado a virgem divina Ártemis enquanto se banhava numa clareira oculta (p. 53-56).

E então temos a história de Sêmele, outra descendente de Cadmo, que foi amada por Zeus e trazia em seu ventre um filho do deus, o que despertou a ira de Hera mais uma vez. Entretanto, usando o mesmo subterfúgio preferido pelo consorte divino, a rainha celestial assumiu a aparência de uma velhinha encurvada e trêmula e insinuou que o amante da jovem não seria o verdadeiro Zeus, convencendo-a a pedir que ele provasse de alguma maneira sua condição de divindade (p. 56).

No momento oportuno, Zeus, de maneira semelhante a Apolo com seu filho insensato, jurou solenemente que concederia a Sêmele o que ela lhe pedisse. Ouvindo o juramento, a moça pediu ao deus que se mostrasse para ela em todo o seu esplendor, utilizando sua verdadeira forma divina. E mais uma vez vemos o monarca celeste condoído por não poder impedir o sofrimento de alguém:

O deus quis impedir que ela continuasse a falar, mas a voz já se espalhou pelo ar. Gemeu, pois já haviam feito, ela o seu pedido e ele o seu juramento. Tristíssimo, portanto, sobe ao éter, e reuniu em seu séquito as nuvens, e acrescentou as tempestades, os relâmpagos misturados com os ventos, e o trovão, e o raio que não se pode evitar. Tanto quanto pôde, porém, tentou diminuir o próprio poderio e não se armou com o fogo com que abatera Tifeu. (OVÍDIO, 1983, p 57)

O corpo de Sêmele não pôde suportar o esplendor divino, e ela acabou fulminada. Entretanto, Zeus pratica aí outro ato que demonstra sua benevolência, retirando do cadáver da moça o nascituro ainda em formação e costurando-o em sua própria perna, para que nascesse normalmente ao término da gestação. Este bebê viria a ser, posteriormente, Dioniso (p. 57).

A próxima narrativa, chamada “Tirésias”, se inicia com uma conversa caracterizada por Ovídio como “divertida”, realizada entre Zeus e Hera. Bem humorado, o rei dos deuses afirmou para sua esposa que o prazer sexual que ela tinha como mulher era maior do que o sentido por ele como homem. Diante da negativa recebida em resposta, Zeus se

dispõe a tomar a opinião do sábio Tirésias, que, por ter sido de ambos os sexos em situações diversas, saberia a verdade. Assim, tomado como árbitro no impasse, o sábio confirmou a assertiva do monarca divino, incorrendo no desagrado de Hera, que lhe tirou a visão.

Surgindo nova oportunidade, Zeus se mostra mais uma vez portador de grande generosidade, oferecendo uma recompensa ao sábio:

Mas o pai onipotente, já que não é lícito a um deus desfazer a obra de outro, compensou a perda da visão [de Tirésias] com o dom de predizer o futuro, abrandando o castigo com esse prêmio. (OVÍDIO, 1983, p. 57)

E o terceiro livro se encerra com os contos de Narciso e de Penteu, cujos destinos trágicos foram previstos por Tirésias.

No quarto livro, Zeus aparece apenas no último conto e de maneira indireta, quando se trata das aventuras do herói Perseu, filho do próprio deus, que possuiu a filha do rei Acrísio de Argos, Dânae. Temendo uma profecia que dizia que seria morto por um neto, o rei prendeu a filha num grande cofre de ferro, no qual Zeus entrou sob a forma de uma chuva de ouro, engravidando a moça (p.81).

O livro quinto apresenta o mito que era transmitido nos célebres mistérios de Elêusis, do rapto de Perséfone, filha de Deméter, por Hades (aqui chamados, respectivamente, de *Prosérpina*, *Ceres* e *Plutão*), que se enamorou da jovem deusa. Ao final do conto, quando finalmente descobriu o paradeiro da filha desaparecida, Deméter foi ao encontro do irmão soberano, buscando reparação:

De rosto sombrio, furiosa, os cabelos revoltos, chegou diante de Júpiter. “É, ao mesmo tempo, por meu sangue e pelo teu que venho suplicar-te, ó Júpiter”, disse. (...) “Eis que, depois de procurar por muito tempo, afinal encontrei minha filha, se chamas encontrar ter mais certeza de que a perdi, ou se chamas encontrar saber onde ela se encontra. Relatarei o rapto, contanto que ela seja devolvida.” (OVÍDIO, 1983, p. 98)

Ouvindo as súplicas da irmã, Zeus decidiu arbitrar a questão, sentenciando, com base na lei das Moiras, que Perséfone seria devolvida, caso não tivesse ingerido nenhuma comida das regiões do Mundo Inferior.

No conto “Ascálafo e as Sereias”, que prossegue a narrativa dos conflitos entre



Deméter e Hades, Zeus aparece novamente tendo que proferir a decisão final sobre o caso, agravado pelo fato da jovem Perséfone ter ingerido alguns grãos dos frutos das romãzeiras infernais. Com isto, o soberano decidiu que a jovem deusa teria de passar metade do ano nos reinos de Hades, sendo livre para passar a outra metade junto de sua mãe (p. 99).

Não sendo mencionado, senão indiretamente, no Livro VI, que trata de histórias sobre Leto (chamada aqui de *Latona*), deusa que foi mãe dos gêmeos Apolo e Ártemis, e da mesma maneira no Livro VII, que narra os feitos de Jasão e outros heróis, Zeus só volta a ser mencionado no Livro VIII, depois de reconstruídos os mitos do rei Minos de Creta e do construtor Dédalo, com seu curioso filho Ícaro.

No mito chamado “Filemon e Báucis”, Zeus desceu à terra acompanhado de seu filho Hermes. Disfarçados, os dois pediram abrigo, batendo de porta em porta nas casas de uma aldeia, sendo entretanto enxotados sucessivamente. Depois de receberem muitas negativas, foram eles recebidos em casa de Báucis, uma velhinha que morava com seu marido Filemon em um casebre muitíssimo humilde. Adentrando o pequeno local, o casal de idosos passou a servir os misteriosos viajantes com extrema generosidade, ofertando aos dois tudo o que havia de melhor na casa, mesmo não sendo de nenhum luxo, absolutamente (p. 156).

Recompensando a boa-vontade e a gentileza do casal, os deuses então se revelaram em sua divindade, momento em que o soberano olímpico anunciou: “Dizei tu, velho justo, e tu, digna esposa de um homem justo, o que quereis” (p. 157). E depois disso, acatou o pedido deles de servirem-no como sacerdotes, transformando o antigo casebre num suntuoso templo, em que os dois viveram até o fim de seus dias.

O nono livro apresenta as façanhas de Hércules, filho de Zeus e da princesa mortal Alcmena. Disfarçado sob a aparência de Anfitrião, marido desta, o monarca celestial engravidou a moça, que no tempo devido deu à luz o principal de todos os heróis gregos.

Os mitos deste livro, protagonizados por Hércules, referenciam a Zeus apenas em

epítetos, como os atribuídos constantemente ao herói, chamado frequentemente de “filho de Júpiter”. Entretanto, no ápice da saga vivida pelo semideus, sua esposa Dejanira foi enganada pelo centauro Nesso, enviando para Hércules uma túnica embebida no venenoso sangue centaúrico (p. 168-169). Ao vestir a túnica maldita, o herói teve seu corpo envolto pelas chamas, que o envolveram com selvageria. Neste ponto, mesmo os deuses inimigos, como Hera, se compadeceram da trama vil engendrada pelo centauro e temeram pela vida de Hércules, e neste momento Zeus fez uso da palavra:

Esse vosso temor é, para mim, uma alegria, ó deuses, e rejubilo-me de todo o coração por ser chamado reitor e pai de um povo fiel, e ver que a minha prole também está sob a vossa proteção. Eis que, embora ele a deva a seus próprios e portentosos feitos, eu próprio tenho de vos ser grato. Não acalenteis, todavia, qualquer receio vão em nossos leais corações. Não maldigais essas chamas! Quem tudo venceu, vencerá este fogo que vedes e não sentirá o poder de Vulcano senão por sua parte humana, herdada de sua mãe. O que recebeu de mim é eterno e imune à morte, e nenhuma chama poderá vencê-lo. Acolherei nos reinos celestes essa parte e confio que, assim fazendo, tenho a aquiescência de todos os deuses. Se, no entanto, alguém ficar ressentido de ver Hércules tornado deus, pode desaprovar o prêmio, mas tem de reconhecer que ele merecia recebê-lo, e me aprovará, embora a contragosto. (OVÍDIO, 1983, p. 170)

No mito seguinte, intitulado “Bíblis”, temos Iolau, sobrinho de Hércules, que se tornou alvo de críticas por parte dos deuses, por ter rejuvenescido. Tal milagre se deveu graças à intercessão de Hércules em seu estado divino, pois, morando no Olimpo, se casou com sua meio-irmã Hebe, filha de Zeus e Hera, e deusa da juventude. Então, Zeus interferiu para impedir a tumultuada discussão, na qual seus pares reivindicavam a juventude para diversos filhos e amantes do mundo dos mortais, fazendo com que se calassem e atribuindo a sorte de Iolau ao destino (p. 173).

O décimo tomo da obra de Ovídio traz a história de Orfeu, herói trácio que tinha o dom da música, entre outras histórias, que figuram como canções entoadas pelo artista.

Neste mito, Orfeu canta com sua lira que Zeus se enamorou de um jovem garoto chamado Ganimedes, tomando então a forma de uma grandiosa águia, e arrebatou o menino para as alturas, onde o mesmo passou a viver, junto dos imortais, atuando como copeiro ao soberano, para servir-lhe o néctar (p. 186-187).

Depois desta aparição, o rei dos deuses só é referenciado na obra de maneiras indiretas, em citações ou preces que os protagonistas deste ou daquele mito a ele dirigem.

### **3 O REI DOS DEUSES HOJE**

Em seguida, tem-se o registro das aparições de nosso objeto de estudo em três

produções cinematográficas da era contemporânea, que possuem suas semelhanças e particularidades, tanto entre si quanto se comparadas às obras previamente descritas. De modo geral, pode-se notar certo reducionismo na maneira como este nicho do mundo do cinema se apropria de Zeus, omitindo ou mesmo descartando a maior parte das características que esta personagem traz consigo.

### 3.1 O LADRÃO DE RAIOS

**Percy Jackson e os Olimpianos** é uma aclamada série de livros infanto-juvenis escrita pelo americano Rick Riordan, que narra as aventuras de Percy, um adolescente novaiorquino que vê sua vida entrar em grandes reviravoltas ao descobrir que é filho do deus grego Poseidon.

A produção cinematográfica **Percy Jackson and the Lightning Thief** é uma adaptação do primeiro livro, homônimo, cujo enredo gira em torno do furto do raio de Zeus e do envolvimento do protagonista na recuperação deste artefato. Dirigida por Chris Columbus, esta versão arrecadou US\$ 226,4 milhões, contribuindo para expandir a fama do universo fictício, e possui uma sequência com o lançamento previsto para o ano de 2013.

No prólogo do filme, temos o surgimento de Poseidon, que vem dos mares à superfície para um encontro com seu irmão Zeus (vivido no filme pelo ator Sean Bean), em que os dois tratarão do assunto do roubo. Ambos trajam vestes sóbrias e comuns ao cotidiano e são representados como homens de meia-idade. No diálogo que se segue, o monarca insinua que a arma foi furtada pelo filho de Poseidon, provocando a ira do irmão. Neste momento, Zeus faz uma ameaça clara:

- Se seu filho for o ladrão, vou mandá-lo para as profundezas do Tártaro.
- Se tocar nele, vai arrumar a maior batalha da sua vida!
- Ele tem que devolver o raio a mim em 14 dias, até a meia-noite do solstício de verão. Ou então haverá guerra! (LADRÃO, 2001).

Com estas palavras, os dois deuses se despedem com muita tensão, e o foco da narrativa passa ao protagonista Percy Jackson (vivido por Logan Lerman), na cena que mostra as dificuldades do menino em sua vida diária. Estes gestos de intolerância destoam da habitual condescendência mostrada pelo soberano nos textos antigos, mas pode ser explicada, talvez, pela sua posição como antagonista secundário na trama.

Em seguida, Zeus é apenas referenciado indiretamente por um professor de Percy, que, durante uma visita da escola a um museu, narra a maneira como os irmãos Zeus, Poseidon e Hades tomaram o poder de seu pai Cronos e depois passaram a competir por ele. Além disso, o professor, chamado Brunner (representado por Pierce Brosnan), conta como os deuses costumavam descer ao mundo dos mortais, nessas ocasiões gerando filhos de grande poder: os semideuses.

Depois disso, os fatos se seguem de maneira que o menino descubra sua condição de descendente divino e todos os seres míticos que o cercam, disfarçados como colegas de escola ou professores. Então, Percy é levado ao Acampamento Meio-Sangue, um lugar onde se reúnem dezenas de outros semideuses, acompanhado do sátiro Grover (representado por Brandon Jackson) e de sua mãe, que conta os detalhes do nascimento do garoto. Durante a viagem, o carro onde os três viajam é atacado pelo Minotauro, que fere mortalmente a mãe de Percy, enfurecendo-o, o que dá ao menino forças para derrotar a fera.

Já no acampamento, o rapaz é tratado e apresentado ao mundo do qual fará parte, ao mesmo tempo em que descobre qual dos deuses é seu pai e se revolta contra ele, pois o deus nunca se fez presente em sua vida.

Zeus é novamente citado quando o centauro Quíron (a verdadeira forma do professor Brunner) explica que o raio-mestre, a arma mais poderosa do universo, foi roubado e precisa ser encontrado antes do solstício, ou o mundo será destruído pela guerra entre os imortais. Quíron deseja levar o garoto ao Olimpo para tentar convencer o soberano da

inocência de Percy, mas antes o menino deve ser treinado.

Inferior nas habilidades físicas aos outros campistas, por não ter sido treinado, o rapaz é subjugado até descobrir como utilizar suas capacidades latentes ligadas à água, superando-os então no combate. Depois disso, Hades surge no acampamento procurando por Percy, pois também acredita que ele tenha roubado o raio. O deus diz ao garoto que sua mãe é sua prisioneira no mundo Inferior e oferece trocá-la pela arma de Zeus.

Percy decide rumar ao inferno, para resgatar a mãe, mas Quíron tenta dissuadi-lo em vista da impossibilidade da tarefa. Entretanto, o rapaz resolve fugir do acampamento, contrariando a determinação do tutor. Nesta empreitada, ele recebe ofertas de ajuda por parte de Grover e Annabeth (Alexandra Daddario), uma jovem filha de Atena, e equipamentos do campista sênior Luke, filho de Hermes. Entre os objetos, o rapaz entrega ao trio um mapa que indica a localização de três pérolas mágicas, que eles utilizarão para retornar do mundo inferior, ao fim da jornada.

Descansando após o resgate da primeira gema, de posse da Medusa, Annabeth conta ao filho de Poseidon que nenhum deus pode ter contato físico com sua prole, por decreto divino, proferido por Zeus.

Depois de obter as outras duas, o trio ruma para o mundo inferior, cuja entrada se localiza em Hollywood. Chegando à morada de Hades, o deus do submundo, que diz ter sido banido por Zeus para as trevas, pressiona Percy para que entregue o raio, que o rapaz acredita não possuir. Entretanto, a arma estava oculta no escudo emprestado a ele por Luke, e Hades toma-o para si. Com a ajuda de Perséfone, que engana Hades e o deixa desacordado, eles conseguem recuperar o artefato ciclópico e utilizam as pérolas para se dirigirem ao Olimpo, que se localiza no Empire State Building. O amigo sátiro de Percy, porém, fica no palácio de Hades, pois cada gema só pode ser utilizada para transportar uma pessoa.

Chegando ao topo do edifício, surge Luke, que se revela como o verdadeiro

ladrão, tendo furtado o raio apenas para provocar a guerra que destruiria o mundo. O filho de Hermes acredita que, desta maneira, os homens poderiam assumir o controle do mundo, depois que os deuses se destruíssem. Após uma grande sequência de ação, em que os dois semideuses se enfrentam, Percy recupera o raio-mestre, na iminência da meia-noite.

Simultaneamente, os deuses estão reunidos no Olimpo, aguardando a chegada da hora fatídica em que a guerra será declarada. Poseidon e Zeus se acusam mutuamente, até que o protagonista chega com o raio em mãos e o devolve ao soberano, explicando toda a trama.

Zeus o cumprimenta, declara que haverá paz e concede a Percy o favor de transportar Grover, que estava preso no mundo inferior, de volta à luz. Depois de conversar com seu pai, que suplica a Zeus uma exceção à lei divina, o rapaz retorna ao acampamento.

“Só desta vez” (LADRÃO, 2010), Zeus diz a Poseidon quando este pede uma única chance de falar com seu filho. Isto evidencia a intolerância que é manifestada nas ações do deus neste filme.

### 3.2 IMORTAIS

Imortais é um filme dirigido pelo diretor indiano Tarsem Singh e lançado em 2011 pela Universal Pictures. O roteiro original trata sobre a tentativa do rei de Creta, Hipérion, de dominar o mundo com a ajuda dos titãs. O protagonista, Teseu, é um camponês que se vê no meio do conflito entre homens e deuses e deve escolher qual parte tomar numa guerra que será seu destino.

Um aspecto que deve ser salientado, é que a maior parte dos personagens possuem nomes retirados da mitologia grega, mas são totalmente diferentes das narrativas clássicas. O principal caso é o herói Teseu, que nos textos helênicos foi filho de Egeu, rei de Atenas, um guerreiro de modos aristocráticos, que se tornou amigo de Hércules, venceu o desafio do

Labirinto de Minos, se casou com a rainha das amazonas, Hipólita, e reinou no lugar de seu pai.

Outro exemplo é o antagonista, o rei Hipérion, que toma o nome de um titã, irmão de Cronos, Oceano e Iápeto, senhor da luz que desenhou as constelações do céu noturno e foi pai do Sol e da Lua. Além destes dois, diversas personagens incorrem neste mesmo aspecto, e até mesmo o monte onde os titãs estão presos é nomeado Tártaro, semelhante à dimensão infernal do mundo descrita por Hesíodo e Ovídio. Os únicos que não são totais releituras são os próprios deuses olímpicos.

O filme se inicia com uma visão tida pela virgem que serve como oráculo à religião sibelina<sup>8</sup>, Fedra, que visualiza a libertação dos titãs, aprisionados nas profundezas do Monte Tártaro, pelas mãos do rei Hipérion (vivido pelo ator Mickey Rourke). Acordando assustada, a sacerdotisa (representada pela atriz Freida Pinto) avisa aos outros do mal que está por vir, mas o tirano já invadiu um mosteiro de sua ordem buscando descobrir a localização do esconderijo da moça.

Na península de Kolpos, o jovem camponês Teseu (interpretado por Henry Cavill) conversa jovialmente com um velho (Zeus disfarçado), seu amigo de longa data, enquanto corta achas de lenha, para aquecer à noite a casa em que vive com a mãe.

Ser um guerreiro não é ter força para sobrepujar seu inimigo com uma espada. É, em primeiro lugar, ter uma boa razão pela qual guerrear. (IMORTAIS, 2011)

Esta frase, com caráter instrutivo e sapiencial, é uma das proximidades com o caráter paternal que Zeus apresenta nos textos clássicos. Esta faceta do deus volta a se repetir esporadicamente:

“Viver não é o importante, em si, Teseu, mas viver corretamente.” (IMORTAIS, 2011)

Depois disto, no mesmo dia, uma comitiva vinda do Conselho Helênico ordena aos habitantes da vila que evacuem o local, para que não sejam dizimados pelo exército de

---

<sup>8</sup> O nome é derivado de *sybil*, ou “sibila”, outro nome dado às sacerdotisas do culto délfico



Hipérion.

Teseu tenta então convencer o velho a partir junto com eles, para que não morra caso o rei tente invadir a cidade. Diante das negativas dele, o rapaz se dirige à sua casa, para preparar-se para a partida. À noite, o velho sente a presença de algo e se revela como o soberano Zeus, exigindo a revelação de quem o observa. Surge a deusa Atena (na pele da atriz Isabel Lucas), que indaga ao pai a respeito das razões que o levam a agir de maneira tão próxima de Teseu, influenciando-o desde que era uma criança, ao que ele responde que apenas fez isto como mortal, sem ferir a lei que os impede de interagir com os humanos. Ele ainda manifesta sua esperança na pessoa do rapaz:

Se existe algum humano capaz de liderar os humanos contra Hipérion, e Teseu. Mas isto deve ser escolha dele. (IMORTAIS, 2011)

Os soldados de Hipérion chegam a Kolpos no dia seguinte, antes que os camponeses, que foram deixados para trás, consigam se retirar. Então, a mãe de Teseu é assassinada pelo próprio rei, junto com as outras mulheres e idosos, enquanto o rapaz é escravizado da mesma maneira que o restante dos homens que possuem força para trabalhar.

O oráculo visualiza a dor de milhares, provocada pelo ambicioso rei, que destruiu inúmeros santuários do culto sibelino em busca do Arco de Épiro, uma arma lendária que pode libertar os titãs do cativeiro. Enquanto isso, os deuses se reúnem no Olimpo para uma reunião, na qual todos questionam a posição distante de Zeus, que se recusa a intervir enquanto o tirano massacra a população helênica. Perguntado sobre a possibilidade de algum mortal encontrar o arco, o soberano hesita e ameaça de morte qualquer deus que se atrever a interferir, o que também está em profunda dissonância com os textos antigos, nos quais Zeus utiliza-se de quaisquer meios para solucionar as situações-problema, sem titubear.

Eu respeito a lei. Nenhum deus deve interferir nos assuntos dos mortais, a menos que os titãs sejam libertados. Por isso, se esperamos que a humanidade tenha fé em nós, precisamos ter fé neles. Devemos deixar que usem seu livre arbítrio”(IMORTAIS, 2011)

Os prisioneiros escravizados bebem debaixo do sol escaldante de um deserto, e as

virgens sibelinas aproveitam o momento para tramar sua fuga, com a ajuda de alguns, incluindo Teseu. Depois do anoitecer do mesmo dia, um pequeno grupo consegue subjugar os soldados de Hipérion e escapa, embora uma boa parte seja recapturada.

O tirano se enfurece ao ouvir a notícia da fuga, enviando um grande número de soldados para resgatar a sacerdotisa, pois seus poderes oraculares poderiam revelar o paradeiro da arma lendária. No momento em que Teseu, Fedra e os outros estão cercados, Poseidon salta das alturas do Olimpo, provocando uma gigantesca onda, que destrói tudo em seu caminho, matando todos os soldados do rei. O grupo de fugitivos consegue sair com vida graças à premonição tida pela moça, que encontra um esconderijo que consegue suportar o cataclismo avassalador.

No momento que se segue, Teseu decide retornar a Kolpos, para realizar os ritos funerários sobre o cadáver insepulto de sua mãe, enquanto Hipérion manda que libertem o Minotauro para eliminar o herói. Entretanto, ao realizar tais ritos nas ruínas do santuário sibelino, Teseu encontra o Arco de Épiro, derrotando a horrenda criatura.

Mesmo com a vitória, Teseu sofreu ferimentos sérios no combate, e Fedra resolve passar a noite cuidando dele. É então que a sacerdotisa abdica de seus votos, que ligam a virgindade ao dom divinatório, e se entrega sexualmente ao herói. Enquanto isso, as legiões comandadas pelo ambicioso governante se reúnem próximas à grande muralha construída pelos helênicos no sopé do monte Tártaro.

Viajando apressadamente para o lugar da derradeira batalha, o grupo de Teseu é emboscado por enviados de Hipérion, e o herói debilitado não consegue ser páreo para eles em batalha. Então, quando tudo parece perdido, Atena e Apolo descem do Olimpo, e o deus solar derrota todos os soldados num piscar de olhos. Temos aí um recurso de *deus ex machina*, no qual um acontecimento inesperado surge para proporcionar o desenlace de uma trama aparentemente insolúvel.

Entretanto, a intervenção de Apolo provoca a ira de Zeus, que também surge no local para punir seu filho, matando-o. Em seguida, se volta para Teseu e o adverte severamente:

Nenhum deus virá protegê-lo novamente, mortal. Você está por sua conta! Você entende? Eu tenho fé em você, Teseu! Prove que estou certo! Lidere seu povo! (IMORTAIS, 2011)

Durante a confusão, um cão pertencente ao rei ambicioso consegue furtar o arco de um Teseu estupefato com a ação dos imortais.

No dia seguinte, o grupo chega à cidade onde o povo helênico se reúne para os preparativos da guerra, e tenta, sem sucesso, convencer os governantes dos poderes sobre-humanos possuídos por Hipérion. Depois disso, o rei invasor ordena o ataque, destruindo a muralha com um tiro do arco legendário. Em meio às batidas de espadas contra escudos, o herói conclama seus companheiros a defender com o máximo de esforços a vida daqueles que amam, provocando um grande furor.

Então, Teseu se apressa para chegar ao santuário onde se localiza a prisão cúbica em que os titãs estão encarcerados, antes que o rei consiga libertá-los, mas chega tarde demais, pois Hipérion já se encontra com o arco preparado. Os seres imortais aberrantes se dispersam, e é nesta hora que vêm os deuses em auxílio dos mortais. Zeus ordena que Teseu se retire do lugar, mas, no caminho de saída, o herói encontra o tirano, que inicia um combate mortal contra o rapaz. Assim, logo após a derrota de Hipérion e também dos titãs, os deuses se retiram para os céus, levando Teseu consigo.

O epílogo da película apresenta o pequeno Acamas, filho de Teseu e Fedra, que encontra como mentor o mesmo velho homem, que antes havia ensinado a Teseu, e que conta a ele que seu pai ainda vive, como um grande guerreiro nas legiões celestes.

### 3.3 FÚRIA DE TITÃS

A produção intitulada **Fúria de Titãs** é uma refilmagem do filme lançado em 1981, com um roteiro adaptado, que conquistou considerável sucesso nas bilheteiras, arrecadando US\$ 490 milhões em 2011, ano de seu lançamento.

O filme se inicia com um relato da batalha contra os titãs, que foi vencida graças a um monstro criado por Hades, o kraken. Depois do fim da guerra, Zeus tomou para si o céu, Poseidon recebeu os mares, e seu irmão, enganado, teve como domínio o mundo inferior, cheio de trevas e tormento. Zeus criou os homens, e a crença deles nos deuses alimentava sua imortalidade. Com o tempo, porém, a humanidade foi ficando crescentemente infeliz com o domínio divino, sua ausência, e as crenças foram deixando de existir, acarretando uma rebelião contra os imortais. Mais uma vez, temos o contexto de rebelião da humanidade, que permeia o enredo dos dois filmes anteriores.

Então, um misterioso sarcófago dourado foi encontrado flutuando no mar, sendo aberto por um casal de pescadores que, surpresos, retiraram dele um recém-nascido. Dando ao bebê o nome de Perseu, os dois cuidaram do menino até se tornar adulto, numa época de dificuldades, guerras, doenças e fome. Mais uma vez a semelhança com a cultura judaica, em que o profeta Moisés é o salvador prometido que é abandonado numa cesta posta no rio Nilo, mas é encontrado e cresce sem saber de sua ascendência até o momento oportuno para que a profecia se cumpra.

Depois de erguer mais uma rede sem peixes, a família de Perseu (vivido por Sam Worthington) testemunha a derrubada de uma estátua em homenagem a Zeus, na ilha de Argos, momento em que seres infernais surgem das sombras para atacar o grupo de soldados que realizou a tarefa. Depois do extermínio, o deus Hades lança uma gigantesca bola de fogo contra o pequeno barco onde os pescadores se encontram, tirando a vida de todos, exceto o rapaz, que consegue nadar para a superfície.

Os deuses se reúnem para decidir o que farão com os mortais rebeldes, e, no meio

da discordância entre eles, o soberano infernal aproveita o momento de dúvida de Zeus para conseguir o que deseja.

“- Eu criei os homens, e eles retribuem o meu amor com rebeldia? Não haverá trégua?  
- Até que enfim, alguma ira em você!” (FÚRIA, 2011)

No diálogo que se inicia com estas palavras, Hades consegue de seu irmão a permissão para manifestar-se no mundo dos mortais, a fim de fazê-los temer as divindades novamente. Para isso, ele se materializa no palácio argólida, onde o rei Cefeu oferece um banquete para comemorar o início do que ele chama de “era dos homens”. O deus da morte revela que libertará o kraken em dez dias, e ele não irá parar a destruição até que a princesa Andrômeda seja sacrificada. Além deste ultimato, Hades aponta para Perseu, que estava ali por ter sido resgatado dos destroços do navio pelos nativos de Argos, e revela que o rapaz é filho de Zeus.

Esta informação faz com que os argólidas pressionem o rapaz a empreender uma jornada para derrotar o monstro, tendo em vista seu sangue divino. Perseu se recusa, mas Io, uma imortal renegada, consegue convencê-lo, ao mostrar que essa jornada pode proporcionar ao rapaz uma chance de se vingar pela morte dos pais adotivos. Ela aproveita o momento para revelar a concepção de Perseu, que era filho da rainha Dânae. A moça, esposa do rei sacrílego Acrísio, foi seduzida por Zeus, que se vestiu com a aparência do marido, com o intuito fazê-lo de exemplo, ao invés de castigar aos homens com violência.

Assim, o bebê que nasceu dessa união era o pequeno Perseu, que apenas sobreviveu à ira de Acrísio por sua resistência herdada da estirpe olímpica.

Com a aceitação do herói, uma equipe de soldados é formada para buscar o auxílio das bruxas que vivem nos ermos, pois estas possuem a resposta sobre a possível fraqueza do kraken. Enquanto isso, Hades transforma o deformado e velho Acrísio em um monstro a seu serviço, encarregando-o de assassinar Perseu.

O híbrido de homem e fera surge na floresta onde o bando descansa da extenuante

jornada, mas é derrotado pelo grupo. Entretanto, o sangue que pinga de suas feridas dá à luz escorpiões monstruosos, que o herói e seus companheiros têm muita dificuldade em vencer, sendo no fim cercados pelas criaturas de Hades, só conseguindo sobreviver graças à ajuda de feiticeiros nômades que habitam o deserto e que passam a ajudá-los. Chegando ao antro das bruxas, Perseu consegue convencer as traiçoeiras entidades a contar-lhe que o poder petrificador de Medusa pode destruir o kraken, mas elas também predizem a morte dele, que será sacrificado caso continue com esta jornada.

A despeito do aviso, Perseu rumo para o mundo inferior, para encontrar a górgona portadora do olhar petrificante. Ele é encontrado por Zeus, que lhe oferece abrigo no Olimpo, dádiva que o rapaz despreza. Mesmo assim, o deus dá ao filho um dracma de ouro. Subornando o barqueiro para atravessá-los no rio infernal, utilizando a moeda, o grupo consegue encontrar a criatura, mas Medusa mata a todos, exceto Io e Perseu, que tem sucesso em decapitar o monstro ofídico. Descuidados após o fim da batalha, os dois são atacados novamente pelo que se tornou Acrísio, que tira a vida da donzela, mas é derrotado pelo herói, revertendo, assim, à sua antiga forma humana.

Montado no cavalo alado Pégaso, Perseu rumo para Argos, para tentar impedir a destruição provocada pelo kraken, enquanto, no Olimpo, Zeus é assediado por Hades, que deseja que a aberração colossal seja libertada de uma vez. Com o consentimento do soberano, a devastação da cidade se inicia, o que provoca um grande enfraquecimento de Zeus, criando a oportunidade para que o irmão traidor o subjogue.

- Argos caiu. Está se sentindo mais forte, irmão? Pensou que o kraken lhe traria as preces deles? O kraken é meu filho e só fortalece a mim!
- Eu governo o Olimpo! Lembre-se a quem serve!
- Eu sirvo a mim mesmo, desde que você me traiu! Você me mandou para o mundo inferior, para ser odiado enquanto se nutria do amor deles!
- Precisamos do amor dos humanos!
- Não, você precisa! Eu só preciso do medo. Seu reinado acabou, meu irmão. Você agora verá o meu vingador devorar as esperanças deles, e então saberá qual foi a minha dor.
- Ainda existe um semideus em Argos. Perseu... (FÚRIA, 2011)

Enquanto isso, Perseu voa pelos céus buscando salvar a princesa Andrômeda, que

foi oferecida em sacrifício para o monstro, ao mesmo tempo em que é perseguido por um enxame de pequenos demônios enviados por Hades para matá-lo. Um destes demônios consegue furtar-lhe a cabeça da Medusa, e o herói salta do cavalo para reavê-la, conseguindo fazê-lo a tempo de mostrar a horrenda peça ao monstro, destruindo-o. Neste momento, Hades surge próximo a Perseu, que invoca o raio de seu pai e golpeia o deus de maneira definitiva, devolvendo-o para as profundezas ctônicas.

Então, depois de tudo, Zeus desce à terra, para agradecer ao filho pela ajuda, e oferecer-lhe que tome um lugar entre os imortais. Diante da nova rejeição por parte de Perseu, Zeus se mostra bem humorado e ressuscita Io, para que ele não se sinta sozinho em sua nova vida que está prestes a começar.

#### **4 COMPARANDO AS FACETAS DO SOBERANO OLÍMPICO**

Como ponto de partida, escolhemos a definição apresentada por James Hollis

(1997 p.16), que considera o mito como uma “dramatização de valores inconscientes de um grupo de indivíduos”. Para este autor, a construção do mito se dá de maneira simultânea ao surgimento da necessidade inerente ao homem de se projetar no meio. Esta mesma necessidade é o que motivaria a atribuição de significações aos elementos naturais e seus processos, tanto quanto as sucessivas tentativas de “organizar” a Criação.

É muito possível que a natureza não tenha significado intrínseco; que simplesmente seja [da maneira como é]. Mas os humanos contêm um processo psíquico de natureza estruturante, como parte de sua constituição essencial, e aplicam-na ao caos. Ao colocá-lo em ordem, estabelece-se um relacionamento significativo com o mundo. Com sua substância simbólica, rítmica e metafórica, o mito cria uma ponte entre o desconhecido e o conhecedor, e ajuda o ser humano a colocar-se em alguma espécie de relação de significado com o mistério. (HOLLIS, 1997, p. 11)

Ken Dowden (1994, p. 14) acrescenta outros aspectos que ajudam a delinear a função social do mito, quando afirma que os mitos são paradoxais. Isto porque, segundo ele, embora sejam falsos, no sentido de não totalmente verdadeiros, os mesmos são detentores de um “poder” que transcende a imprecisão, e até mesmo dela dependem. Com isto, o autor parece querer endossar a importância do papel do mito como construtor de valores, por meio dessa representação de aspectos éticos e morais da sociedade à qual o mito se aplica, a despeito de sua ineficiência como narrativa objetiva dos fatos históricos.

Ainda quanto ao estabelecimento da definição de mito, os trabalhos dos estudiosos sobre o assunto parecem convergir no sentido da busca pela relação entre o significado atual atribuído ao termo e sua origem no vocábulo grego *mythos*, descrito por Aristóteles (1997), na **Arte Poética**, como algo muito parecido com o que hoje chamamos de “narrativa”: uma sucessão de fatos elencados, possuindo uma sequência, ou lógica, externa às próprias ações. Este significado primário pode ser considerado a fonte a partir da qual a estrutura da mitologia se origina, se por “mitologia” entendermos o conjunto de conceitos, histórias e estereótipos que uma cultura desenvolve; o que se justifica se levarmos em consideração o aspecto etimológico do termo, onde, além de *mythos*, está presente o sufixo *logos*, que podemos apreender como sinônimo de “expressão”, por sua correspondência com



o verbo helênico *legein* (“eu falo”), da maneira como apresenta Dowden (1994, p. 15).

O psicanalista Paul Diel (1991) dedicou-se a destrinchar algumas narrativas míticas, buscando encontrar elementos que fornecessem pistas para uma investigação da medida em que as histórias fictícias exprimem sentimentos psíquicos cotidianos à condição humana. Em seu estudo, Diel (1991, p. 15-16) elabora uma espécie de organização, na qual divide os mitos de acordo com sua aparição cronológica, relacionando-os à condição sociocultural dos povos que os originaram.

Desta maneira, o autor explica que os primeiros mitos são projeções da imaginação humana, que personifica as prodigiosas forças da natureza, e assim possibilita o surgimento de cultos a divindades ligadas à luz e ao sol, que fornecem calor e sustento, e suas contrapartes, as divindades da noite e das trevas, inimigas em conflito constante e perene. Estes cultos tribais, permeados de celebrações com a chegada das estações e sacrifícios para apaziguar a ira dos deuses, aos poucos foram dando terreno para a instalação de outro tipo de crença. Como diz o psicanalista,

[...] a imensidão destes fenômenos contrasta em muito com a curta duração da vida do homem para que a alma primitiva tivesse condições de evitar colocar-se a questão essencial que visa ao mistério da existência: de onde vem o mandato que faz que o ser humano seja chamado a viver no meio dessa imensidão que o apavora e que, no entanto, o acalenta; e o que lhe sucede depois de sua morte? (DIEL, 1991, p. 17)

Este tipo de questionamentos engendraria uma nova espécie de mitos, mais próximos das mazelas humanas, símbolos de significação precisa no plano moral.

Por outro lado, a definição da divindade não é tão simples de se precisar quanto o mito. Diferentes autores estabelecem parâmetros igualmente diversos, sob os quais classificam esta ou aquela entidade como uma expressão do divino, mas é Joseph Campbell (1990), em seu diálogo com Bill Moyers na obra **O poder do Mito**, que nos apresenta o conceito que melhor nos serve a esta reflexão. Para ele, diante do questionamento acerca de qual seria a necessidade primeira que leva as manifestações culturais a formularem suas divindades, responde que:

[...] os deuses são manifestações e provimento de uma energia que é, na verdade, impessoal. Eles não são a fonte dessa energia. São o veículo dela. E a força ou a qualidade da energia por eles representada determina o caráter e a função do deus. Há deuses da violência, há deuses da compaixão, há deuses que unem os mundos do invisível e do visível e há deuses que simplesmente são os protetores de reis ou nações em suas campanhas de guerra. São personificações da energia posta em jogo. (CAMPBELL, 1990, p. 217-218)

Sob este ponto de vista, os deuses são projeções da consciência humana, em seu esforço de atribuir sentido ao que é aparentemente caótico, na natureza e tudo o mais. Este humanismo divino foi a marca das obras pelas quais o homem entalhou e concebeu os deuses à sua imagem e semelhança. É o antropomorfismo, que pode ser traduzido na máxima “o mundo grego com seus deuses é um mundo do homem” (KERÉNYI in BRANDÃO, 1991, v.1, p. 121). Isto pode ser verificado em diversos níveis, sendo que um dos mais expressivos deles é o da organização. Desde Homero, temos um “Estado” divino, com funções mais ou menos definidas, no qual Zeus é o rei e os demais são seus vassalos, que eventualmente são convocados para assembleias realizadas numa grande fortaleza, o Olimpo. Os deuses subordinados procuram, inclusive, fazer prevalecer seus interesses individuais, mas são frequentemente recolocados em suas posições pelo soberano, com ameaças que, na realidade, quase nunca se cumprem, como foi notado por Junito Brandão (1991, v. 1, p. 132).

As divindades, que antes eram apenas as forças da natureza, dotadas de vontade, se tornaram imagens idealizadas do humano e de suas qualidades ou defeitos. Nas palavras de Paul Diel (1991, p. 18- 19): “Assim, a representação mítica, que na origem falava unicamente dos astros e de suas evoluções, imaginadas como uma luta entre divindades, termina por exprimir os conflitos reais e intrapsíquicos da alma humana”.

A função do mito, e mais particularmente da divindade, como expressão da virtude ou falha do gênero humano, é, sem dúvida, um aspecto importante a ser considerado na reflexão sobre a representação de Zeus como personagem. Embora enquadrado na categoria das divindades, o portador dos raios participa ativamente dos mitos, assumindo o protagonismo em determinadas situações, o que pode ser interpretado como um sinal deste

seu papel como signo representante do homem.

Estabelecida a relação diádica composta pelos conceitos de mito e divindade, o que nos resta para contextualizar é a preponderância das circunstâncias crono e topológicas para a reflexão sobre a transposição da figura mitológica de um tempo a outro. Régis Debray (1993) apresenta uma divisão da história da comunicação humana em três momentos, chamados por ele de “mídiasferas”: a *logosfera*, em que predominava a comunicação oral, e as histórias e conhecimentos eram transmitidos de pai para filho, período que durou até o surgimento da imprensa, quando se inicia a *grafosfera*, em que a palavra escrita se destacava como o principal meio de comunicação, tempo de heróis navegantes e exploradores, até a chegada da televisão, que trouxe junto consigo a *videosfera*, época que vivemos, na qual o que importa é a imagem. Entretanto, segundo Debray (1993), mesmo com a predominância de uma era, as características das anteriores permanecem, ainda que diminuídas.

Para McLuhan (2002), um novo meio de comunicação (que aqui entendemos como também um novo tipo de suporte para a narrativa, neste caso, mítica) traz em si aspectos concernentes aos meios anteriores. Esta concepção, em consonância com a visão de Debray sobre as eras da comunicação, permite um olhar crítico sobre a representação de Zeus.

A figura de Zeus, nos mitos antigos, é resumida de maneira exemplar por José Torrano (in HESÍODO, 1992, p. 31), que afirma que o monarca olímpico é “a expressão suprema do exercício de poder”. De certa forma, isso se apoia no fato de que toda a *Teogonia* é, na verdade, uma exaltação das façanhas e da excelência de Zeus. Ainda nas palavras do tradutor (1992, p. 31), o deus é o “mantenedor da ordem e da justiça, e distribuidor de todas as honras e encargos. É a própria expressão do poder e toda realeza e exercício de poder sempre tem sua fonte nele”.

Os incontáveis aspectos do monarca deixam entrever a riqueza de valores a ele atribuídos. É o céu, luminoso, provedor da vida, e dela ceifador, por meio dos raios. É

benéfico e nefasto, generoso e avaro, afetuoso e severo. Onipotente e, ao mesmo tempo, incapaz de transgredir as leis cósmicas impostas pelo destino (VERNANT, 1992, p. 92-94). Esta multiplicidade de características e domínios nos permite perceber que Zeus como soberano, integra o indivíduo humano a um grupo social, que por sua vez se integra a uma ordem natural, que por sua vez integra uma ordem sagrada. Desta maneira, o deus tem uma função de regulador social.

Quanto à personalidade e às habilidades psíquicas, é interessante analisar o confronto do deus com seu primo, mito que Hesíodo narrou por duas vezes com grande destaque. Embora Prometeu seja um exemplo de astúcia e sabedoria, Zeus o supera, vencendo o jogo de tramas ao realizar uma ação totalmente inesperada: em vez de tomar algo, ele acrescenta. Como foi muito bem ressaltado por Lafer (in HESÍODO, 1990, p. 61), em seus comentários sobre o poema, Prometeu inicia a história como um rival de Zeus, enganando o rei dos deuses ao lhe tomar a parte que lhe é devida no sacrifício. Zeus, então, toma dos mortais o fogo, condenando-os.

Neste ponto, no auge de sua argúcia, Prometeu rouba de Zeus o fogo novamente, ao que é surpreendido com o que a tradutora chama de “golpe de mestre”: o monarca divino presenteia os mortais com a mulher. A complexidade da personalidade do Crônida é evidenciada pelo discurso dirigido a Prometeu, a um só tempo elogioso e irônico, chamando-o de “sobre todos hábil em tramas”: enquanto diante dos homens Prometeu realmente é o mais habilidoso, o que não se verifica quando confrontado com os deuses.

O monarca divino ainda dá mostras de sua astúcia superior ao conceder um dom, ao invés de tirar. Presenteando Prometeu com o *kalón kakón*, o “belo mal”, a mulher que traz prazer e preocupação, Zeus atinge toda a humanidade, tendo em vista que a aceitação deste presente não substitui o fogo, mas atrai as paixões dos homens e faz com que eles *desejem* ser afetados.

A necessidade do fogo, como subsistência, não é suprimida com a chegada da primeira mulher, porém, a introdução deste novo aspecto da vida humana, que a autora (LAFER in HESÍODO, 1990, p. 67), classifica como um primeiro passo em direção à cultura, traz consigo a ambiguidade, a possibilidade de escolha, ou melhor, a necessidade ou obrigatoriedade dessa escolha. A sabedoria suprema de Zeus (*nóos*) fica evidenciada, pois, mesmo possuindo intelecto que o permita lograr os deuses e deles roubar, Prometeu e os homens carecem do poder de doar, ficando sem a possibilidade de réplica nesse duelo de ardis.

Lafer (in HESÍODO, 1990, p. 66) ainda ressalta os epítetos que são atribuídos a Zeus nesta situação. Quando do engodo de Prometeu, ele é o *terpikéraynon*, o “frui-raios”. A colocação deste epíteto ressalta a característica de que o fogo é pertencente a Zeus, e é ele, com os raios, que concede este dom aos homens segundo sua vontade. Com este sentido, também ele é chamado de *nephelegeréta*, o “agrega-nuvens”.

Ainda quanto às atribuições intelectuais do soberano dos deuses, a inteligência de Zeus, bem com a de Prometeu, é referida pelo vocábulo grego *métis*, que tem o sentido de astúcia, ou sabedoria. O uso deste vocábulo expressa a natureza da comparação entre o deus e seu rival, que acontece à medida que um engana o outro, sucessivamente. É um confronto de espertezas. Entretanto, ao finalizar o mito de Prometeu e Pandora, Hesíodo (1990, verso 105) coloca o aviso: “Da inteligência de Zeus não há como escapar!”, empregando o vocábulo *nóos*, que significa a inteligência intuitiva, um conceito utilizado na filosofia como aquilo que permite ao seu portador despertar a consciência do real.

Como muito acertadamente foi notado por Mary Lafer (in HESÍODO, 1990, p. 93), Prometeu tem a *métis* e, assim, compete com Zeus e consegue enganá-lo. O deus, porém, possui a *métis* e o *nóos*, e graças ao segundo consegue entrever o resultado de seu próximo movimento no jogo dos ardis e vence, agindo da maneira que possui mais esperteza em si.

Outro aspecto interessante é o paradoxo que existe na atitude de Zeus quanto à aplicação de seu castigo à humanidade. Ele trama contra os homens, dando-lhes Pandora, portadora do *pithos*, ou jarro (embora tenha ficado famoso na cultura popular como “A Caixa”), que por sua vez continha todos os *kédea* e *noúsoi*, os pesares e as doenças, respectivamente. Mais uma vez, verificamos a ironia do deus, pois este tipo de jarro era utilizado pelos gregos para guardar grãos e outros alimentos. Buscando a nutrição e a sobrevivência, proporcionados pelo alimento, o homem encontra males, doenças e morte. Entretanto, dentro do mesmo jarro está *Elpis*, a esperança, a quem por desígnios de Zeus não é permitido escapar:

Sozinha, ali, a Expectação<sup>9</sup> em indestrutível morada  
 Abaixo das bordas restou e para fora não  
 Voou, pois antes repôs ela [Pandora] a tampa no jarro,  
 Por desígnios de Zeus porta-égide, o agrega nuvens. (HESÍODO, 1990, versos 96-99)

Como apontado por Lafer (in HESÍODO, 1990, p. 75), a esperança impele os homens a seguir vivendo, numa existência que não lhes traz garantias, pois do futuro nada sabem. Segundo a tradutora: “A *Elpis* sozinha, dentro do jarro, dá ao homem o poder de equilibrar a consciência da sua mortalidade com a ignorância do ‘quando’ e do ‘como’ a morte virá para ele.” Assim, a esperança é mais uma das características que colocam o homem num ponto intermediário entre os deuses, que conhecem o futuro e são imortais, e os animais, que conhecem sua condição mortal apenas num nível instintivo, sem reflexão.

Assim, o mesmo presente que é maldição para a humanidade, é também a condição que os leva a sobreviver. E esta dualidade é presente tanto no nível abstrato, com a esperança, quanto material, com a mulher. E desta maneira verificamos que, ao lado da faceta que aplica o castigo, temos também uma face plena de compaixão, que fornece aos homens condições que os tornem humanos.

---

<sup>9</sup> O termo *elpis* é tema de acirrados debates quanto à sua tradução. Preferindo utilizar uma palavra que mais se aproxime do sentido original, a tradutora preferiu “expectação” que traz em si a mesma ambiguidade que o vocábulo original.

Por outro lado, a intelectualização dos homens torna-os propícios ao desejo de multiplicar seus próprios desejos, opondo-se ao desejo essencial da causa primeira, o princípio criador universal, que é representado neste mito por Zeus (DIEL, 1990, p. 221). E, à medida em que o homem se distancia desta causa primeira, ele também se afasta de tudo aquilo que esta figura divina representa. E é por meio do deus, que encerra o “jogo” com uma dádiva, e depois pelo seu filho Hércules, que vem a reconciliação representada pela quebra dos grilhões de Prometeu.

Nas **Metamorfoses**, escritas muitos séculos depois, já num cenário romano, Deucalião é descrito como “piedoso e amante da honestidade”, característica que despertou a compaixão de Zeus, mesmo sendo filho de Prometeu, com quem o monarca teve vários desentendimentos, e tal sentimento aparece novamente quando ele se rebaixa diante de Hera, para suplicar que abrande sua cólera contra Io.

No conto de Faetonte, Zeus tenta não interferir, porque não queria ferir o filho de Apolo, inclusive tomando como testemunhas os outros deuses quando se vê forçado a matar o rapaz. Na história de Calisto, o deus parece abandonar sua amante à mercê da fúria da esposa imortal. Entretanto, vemos sua preocupação e benevolência renascerem na continuação da história, o conto seguinte “Árcade”, quando Zeus intervém para impedir que o jovem Arcas assassine sua mãe, transformando os dois em constelações<sup>10</sup>.

Com Europa, o aspecto lascivo de Zeus é apresentado mais uma vez, sem termos, entretanto, um desfecho analisável que o contraponha. Quanto a Sêmele, a benevolência de Zeus é retratada de forma literal e expressiva pelas palavras utilizadas, evidenciando o quanto o deus se condeu ao ser veículo de uma desgraça que ele não poderia evitar, da mesma maneira que ocorreu com Faetonte, porém em maior grau. E este aspecto ainda é reforçado quando ele toma para si o bebê não completamente formado, gestando-o em sua coxa.

---

<sup>10</sup> Esse processo é denominado *catasterização*, e constitui uma espécie de recompensa máxima alternativa à apoteose.

O deus ainda mostra ser generoso ao conceder a divinação ao cego Tirésias, que foi vítima da fúria de Hera apenas por privilegiar a reivindicação de Zeus quanto ao prazer sexual.

No mito de Perséfone, ele se mostra compadecido ao ouvir a humilde súplica de Deméter, demonstrando carinho pela filha sequestrada, ao mesmo tempo em que considera com justiça o ato praticado pelo soberano infernal, defendendo-o:

Essa filha é um enlevo comum e também uma preocupação que compartilho contigo. Se, porém, convém chamar as coisas por seus verdadeiros nomes, não há ofensa no fato, mas um verdadeiro amor. Não teremos por que nos envergonhar deste genro, contanto, ó deusa, que o queiras. Mesmo se lhe faltassem outros, que é mérito ser irmão de Júpiter! E se não lhe faltam outros, e ele não me precede senão por obra do acaso. Se tão grande é, porém, o desejo de separá-los, Prosérpina voltará ao céu, mas com uma condição: se sua boca não ingeriu no Inferno qualquer alimento, pois as Parcas assim decidiram. (OVÍDIO, 1983, p. 99)

No conto seguinte, se mostra justo ao modo de Salomão, ao decidir com dificuldade a questão do rapto:

Júpiter, porém, hesitando entre o irmão e a triste irmã, divide igualmente o curso do ano; a partir de então, a deusa, divindade comum aos dois reinos, passa em companhia da mãe o mesmo número de meses que passa em companhia do esposo. (OVÍDIO, 1983, p. 99)

Demonstra sua generosidade novamente no conto do casal Báucis e Filemon, recompensando a boa fé dos idosos, que deveria ser um pressuposto à vida social, com grandes honras.

Todas estas virtudes tão exaltadas nos textos praticamente somem nas produções cinematográficas analisadas, em que o deus é feito antagonista, ou, no máximo, coadjuvante relegado a um distante papel secundário.

Em **O ladrão de raios**, ele é intolerante, impaciente e ameaçador, ignorando quaisquer justificativas quando suas vontades não são atendidas, demonstrando um mínimo de gratidão ao protagonista, quando do desenlace da trama. Já nos **Imortais**, de certa forma mais humanizado, o deus se aproxima dos mortais em questão de fé e também de fraquezas, mas conserva a intolerância, não sendo capaz de demonstrar indulgência para com o filho Apolo. Por fim, em **Fúria de Titãs**, temos um Zeus mais próximo de sua contraparte literária,



amoroso e preocupado com o destino dos homens. Entretanto, esta versão do monarca carece do principal atributo do Zeus Olímpico, a astúcia/prudência que possibilitou a conquista do universo.

## **5 LÁ E DE VOLTA OUTRA VEZ**

À guisa de conclusão, pode-se dizer cada que faceta observada na personagem analisada é como o fio de um bordado, se entremeando de maneira intrincada para formar a

rica figura do pai dos deuses e dos homens.

Sob uma perspectiva semiológica, é necessário esclarecer que nunca se pretendeu exaltar a literatura clássica, em detrimento das novas formas de expressão artística, intelectual e cultural. Ao contrário, é inegável que mesmo as novas representações da divindade celeste contribuem para a construção da significação, e mais que isso, no momento em que surgem, tornam-se parte integrante e inseparável do mesmo.

Nascido no seio de uma civilização ainda imberbe, dotado de muitas faces, Zeus representou, para muitos, uma figura de veneração, admiração, temor e fascínio, que atravessou os séculos, vencendo a repressão, os povos suprimidos, a destruição de saber e tantos outros males, como que saídos da caixa de Pandora, sendo resgatado vez após vez, para se tornar um aspecto indelével, sempre presente na cultura ocidental.

Suas atitudes benevolentes e protetoras, semelhantes às de um pai, foram atenuadas ou menos representadas, do que sua implacabilidade, lascívia e fúria, nos filmes. Esta ambiguidade de caráter, advinda da oposição entre os dois polos, antigo e atual, aproxima o rei do Olimpo da condição dos mortais, necessariamente intermediária entre o divino e o animal. Assim, podemos afirmar que a transição de Zeus, do Olimpo para Hollywood, acentuou a humanidade do soberano.

Entretanto, estas mudanças criaram o contexto que permitiu, de modo concernente às narrativas, desenvolver os protagonistas humanos, num aspecto salutar: os heróis se libertam da influência divina, em maior ou menor grau, conforme a obra, e procuram trilhar o caminho pelos próprios pés, subvertendo o papel da divindade como guia.

Assim, a função arquetípica do Zeus-pai, superprotetor, é substituída, ou ainda transmutada, no patriarca severo, que é uma barreira moral a ser vencida, na jornada rumo ao progresso, à semelhança do abandono do ninho, para a ave filhote.

Desta maneira, se, nos tempos da Hélade mítica, os homens serviam aos deuses, e

destes dependiam para sua sobrevivência, hoje vivemos um tempo de independência, marcado pela progressiva emancipação do homem em relação às intempéries da natureza, e isso se refletiu na cultura contemporânea, fomentando o surgimento de histórias em que o herói busca vencer sem o apoio dos imortais, construindo assim um reinado a partir da superação de seus próprios limites.

## **6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARISTÓTELES. **Arte poética**. Tradução de Paulo Costa Galvão. São Paulo: Cultrix, 1997.

AUMONT, J. et. Al. **A estética do filme**. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 2006

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. São Paulo: Vozes, 1991. Vol. 1 e 2

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da Mitologia**. Tradução de David Jardim. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. **O poder do Mito**. Tradução de Carlos Filipe Moysés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem**. Tradução de Guilherme Teixeira. São Paulo: Vozes, 1993.

DIEL, Paul. **O simbolismo na mitologia grega**. Tradução de Roberto Cacuro. São Paulo: Attar, 1991.

DOWDEN, Ken. **Os usos da mitologia grega**. Tradução de Cid Knipel Moreira. Campinas: Papirus, 1994.

FINLEY, M.I. **Os gregos antigos**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1963.

FÚRIA de titãs. Direção: Louis Leterrier. Produção: Jon Jashni, Thomas Tull. Roteiro: Lawrence Kasdan. Los Angeles: Warner Bros, c2010. 1 DVD (106 min), WIDESCREEN, COLOR. Distribuído por Warner Home Video.

HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Tradução de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1990.

\_\_\_\_\_. **Teogonia – a origem dos deuses**. Tradução de J. A. A. Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1992.

HOLLIS, J. **Rastreando os deuses: o lugar do mito na vida moderna**. Tradução de Maria Sílvia Mourão. São Paulo: Paulus, 1997.

IMORTAIS. Direção: Tarsem Singh. Produção: Gianni Nunnari, Mark Canton e Ryan Kavanaugh. Roteiro: Charles Parlapanides, Vlas Parlapanides. Los Angeles: Universal Pictures, c2011. 1 DVD (110 min), WIDESCREEN, COLOR. Distribuído por Imagem Filmes

LADRÃO de raios, O. Direção: Chris Columbus. Produção: Chris Columbus, Karen Rosenfelt, Michael Barnathan. Roteiro: Chris Columbus, Rick Riordan. Los Angeles: 20<sup>th</sup> Century Fox, c2010. 1 DVD (120 min), WIDESCREEN, COLOR. Distribuído por Fox Filmes

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2002.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1983.

ROMILLY, Jacqueline de. **A tragédia grega**. Tradução de Ivo Martinazzo. Brasília: UnB, 1998.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e sociedade na Grécia Antiga**. Tradução de Myriam Campello. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

VOGLER, C. **A jornada do escritor: estruturas míticas para contadores de histórias e roteiristas**. Tradução de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Ampersand, 1997.